

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

**A SAÚDE MENTAL DE PESSOAS BISEXUAIS À LUZ DA TEORIA DO ESTRESSE  
DE MINORIA**

**RECIFE**

**2023**

**CAIO HEINRICH CORREIA DE SÁ**

**A SAÚDE MENTAL DE PESSOAS BISEXUAIS À LUZ DA TEORIA DO ESTRESSE  
DE MINORIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, sob a orientação da professora Dra. Iracema da Silva Frazão.

**RECIFE**

**2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Sá, Caio Heinrich Correia de.

A saúde mental de pessoas bissexuais à luz da teoria do estresse de minoria /  
Caio Heinrich Correia de Sá. - Recife, 2023.

84 p. : il.

Orientador(a): Iracema da Silva Frazão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Enfermagem - Bacharelado, 2023.

1. Saúde mental. 2. Minorias sexuais e de gênero. 3. Bissexualidade. 4.  
Estresse de minoria. I. Frazão, Iracema da Silva. (Orientação). II. Título.

610 CDD (22.ed.)

CAIO HEINRICH CORREIA DE SÁ

**A SAÚDE MENTAL DE PESSOAS BISSEXUAIS À LUZ DA TEORIA DO ESTRESSE  
DE MINORIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Bacharelado em Enfermagem da  
Universidade Federal de Pernambuco, para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Enfermagem.

Aprovado em: 04/10/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Iracema da Silva Frazão (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Cândida Maria Rodrigues dos Santos (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Danilo Martins Roque Pereira (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *Mário Sá* e *Fernanda Correia*. Pelo inesgotável apoio na busca por galgar melhores oportunidades de educação e pelo suporte financeiro. Pela construção de um ambiente que me permitisse apenas estudar e lapidar a minha melhor versão.

À minha avó, *Silvia Maria*. Pelas infinitas orações e bênçãos para me salvar e proteger ao longo de todo o processo. E à minha irmã, *Júlia Gabrielle*. Pelas risadas e brincadeiras que aliviaram a tensão durante a finalização deste ciclo.

À *Universidade Federal de Pernambuco*, instituição pela qual sempre sonhei em ingressar e percorri 136 km para construir minha segunda casa. Sem o nível de qualidade institucional, a construção e execução desse projeto jamais teria sido possível.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. *Iracema da Silva Frazão*, pela disponibilidade, atenção, preocupação, experiência e leveza que permearam as orientações. Mas principalmente pela abertura em ouvir sobre a ideia desse estudo e acreditar no meu potencial para executá-lo.

Aos amigos da vida, *Lívia Vitória* e *Helena Lasserre*, pelas mensagens, pelos diálogos de incentivo e pelo companheirismo ao longo da jornada. Em especial, à *Ana Carolina Amorim* e *Leonam Souza*, pelo suporte emocional oferecido e iluminação nos momentos de insegurança.

Aos amigos da graduação, especialmente *Rayanne Lima*, *Rayssa Medeiros* e *Lucas Pessoa*. Pela parceria ao longo dos anos, pelas risadas e conversas ao longo do processo formativo.

À minha psicoterapeuta, *Isadora Krause*. Pelo espaço de acolhimento, suporte psicológico e construção de recursos para o autodesenvolvimento e cumprimento de responsabilidades.

Aos *bissexuais participantes do estudo*. Pela coragem de ser quem são. Pela disponibilidade em se vulnerabilizar descrevendo suas próprias vivências. Pela confiança depositada em mim.

E, por fim, ao Caio do passado. Pelas inquietações, desde 2021, que culminaram neste estudo.

## RESUMO

A saúde mental de pessoas bissexuais possui maior risco de comprometimento em comparação às lésbicas e gays, decorrente da conjuntura específica desse grupo em relação às comunidades heteronormativas e à comunidade LGBTQIAPN+, cujas construções são pautadas pela monossexualidade hegemônica e binegatividade. Objetivou-se com este estudo descrever a percepção de bissexuais da Região Metropolitana do Recife (RMR) sobre a sua saúde mental, considerando os pressupostos da teoria do estresse de minoria sexual. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo qualitativo, com catorze bissexuais residentes da RMR, selecionados por disponibilidade e utilização do método bola de neve, definindo-se a amostragem pelo critério de saturação teórica. As entrevistas foram realizadas no período de junho a agosto de 2023, pela plataforma Google Meet, na modalidade síncrona com roteiro semiestruturado, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE: 68785723.3.0000.5208). Os dados empíricos foram formatados e submetidos à análise lexicográfica, organizada pelo software IRAMUTEQ versão 0.7 *alpha* 2. Obteve-se um aproveitamento de 76,14% dos segmentos textuais na Classificação Hierárquica Descendente e a criação de três classes. A classe 1 foi intitulada “O ‘ambientar-se’ bissexual”; a classe 2 “O ‘relacionar-se’ bissexual”; e a classe 3 “O ‘viver’ bissexual”. As descrições de bissexuais da RMR sobre a própria saúde mental envolveram processos de estressores distais e proximais descritos pela teoria do estresse de minoria, afetando espaços de convivência e relações interpessoais, suas respectivas vulnerabilidades à nível individual e comunitário e, conseqüentemente, uma diversificação dos desfechos em saúde mental com enfoque no comprometimento do bem-estar mental. Destacou-se ao menos um período ao longo da vida de impactos negativos na saúde mental dos participantes, no passado ou presente, devido à sua sexualidade. Além disso, observou-se uma vulnerabilidade dessas pessoas em relação a recursos individuais e comunitários de enfrentamento ao estresse de minoria.

**Palavras-chaves:** saúde mental; minorias sexuais e de gênero; bissexualidade; estresse de minoria.

## ABSTRACT

The mental health of bisexual people is at greater risk of compromise compared to lesbians and gays, due to the specific situation of this group in relation to heteronormative communities and the LGBTQIAPN+ community, whose constructions are guided by hegemonic monosexuality and binegativity. The objective of this study was to describe the perception of bisexuals in the Metropolitan Region of Recife (RMR) about their mental health, considering the assumptions of the sexual minority stress theory. This is a qualitative exploratory-descriptive study, with fourteen bisexuals living in the RMR, selected based on availability and use of the snowball method, defining sampling using the theoretical saturation criterion. The interviews were carried out from June to August 2023, via the Google Meet platform, in synchronous mode with a semi-structured script, after approval of the research project by the Ethics and Research Committee (CAAE: 68785723.3.0000.5208). The empirical data were formatted and subjected to lexicographic analysis, organized by the IRAMUTEQ software version 0.7 *alpha* 2. The analysis achieved 76.14% of textual segments used in the Descending Hierarchical Classification and three classes were created. Class 1 was titled “Bisexual environment”; class 2 “Bisexual relationship”; and class 3 “Bisexual living”. RMR bisexuals' descriptions of their own mental health involved processes of distal and proximal stressors described by minority stress theory, affecting living spaces and interpersonal relationships, their respective vulnerabilities at individual and community levels and, consequently, a diversification of outcomes in mental health with a focus on compromising mental well-being. At least one period throughout life of negative impacts on the participants' mental health, in the past or present, due to their sexuality stood out. Furthermore, a vulnerability of these people was observed in relation to individual and community resources for coping with minority stress.

**Keywords:** mental health; sexual and gender minorities; bisexuality; minority stress.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Esquematização da teoria do estresse de minoria traduzido .....	21
<b>Figura 2.</b> Distribuição de participantes do estudo por município da RMR .....	36
<b>Quadro 1.</b> Tabela de saturação de dados por temas abordados .....	37
<b>Quadro 2.</b> Acompanhamento da saturação de dados.....	41
<b>Figura 3.</b> Dendograma com repartições e classes nomeadas a partir do <i>corpus</i> textual .....	42

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CEP Comitê de Ética em Pesquisa

CHD Classificação Hierárquica Descendente

CNS Conselho Nacional de Saúde

EDQ Exploratório-Descritivo Qualitativo

GGB Grupo Gay da Bahia

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IRAMUTEQ *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*

LGBTQIAPN+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queer*, Intersexos, Agêneros, Assexuais, Panssexuais, Não-binários e mais

RMR Região Metropolitana do Recife

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPE Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>13</b>
<b>2.1 Bissexualidade e outros conceitos</b> .....	<b>13</b>
2.1.1 Bissexualidade .....	13
2.1.2 Monossexualidade .....	14
2.1.3 Bifobia e binegatividade .....	15
<b>2.2 Desenvolvimento da identidade bissexual</b> .....	<b>16</b>
<b>2.3 Teoria do Estresse de Minoria</b> .....	<b>19</b>
<b>2.4 Saúde mental de bissexuais</b> .....	<b>23</b>
2.4.1 Deslegitimação/Apagamento .....	24
2.4.2 Estereotipação.....	25
2.4.3 Rejeição dupla .....	25
2.4.4 Incerteza de identidade/Ocultação .....	26
2.4.5 Binegatividade internalizada .....	27
2.4.6 Antecipação da binegatividade .....	27
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	<b>28</b>
<b>3.1 Objetivo geral</b> .....	<b>28</b>
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>29</b>
<b>4.1 Tipo de estudo</b> .....	<b>29</b>
<b>4.2 Local de estudo</b> .....	<b>29</b>
<b>4.3 População de estudo</b> .....	<b>29</b>
<b>4.4 Amostra do estudo</b> .....	<b>30</b>
<b>4.5 Procedimentos de coleta de dados</b> .....	<b>31</b>
<b>4.6 Análise e interpretação dos dados</b> .....	<b>32</b>
<b>4.7 Aspectos éticos</b> .....	<b>34</b>
<b>5 RESULTADOS</b> .....	<b>35</b>
<b>5.1 O “ambientar-se” bissexual</b> .....	<b>43</b>
<b>5.2 O “relacionar-se” bissexual</b> .....	<b>48</b>
<b>5.3 O “viver” bissexual</b> .....	<b>55</b>
<b>6 DISCUSSÃO</b> .....	<b>61</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS</b> .....	<b>78</b>
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA ONLINE</b> ..	<b>80</b>

<b>ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....</b>	<b>81</b>
--	-----------

## 1 INTRODUÇÃO

Dados recentes indicam que pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queer*, Intersexos, Agêneros, Assexuais, Panssexuais, Não-binários e mais (LGBTQIAPN+<sup>1</sup>) representam uma parcela considerável da população brasileira. Em seu levantamento, Spizzirri *et al.* (2022) verificaram que 12,04% dos adultos brasileiros são LGBTQIAPN+, configurando aproximadamente 19 milhões de brasileiros, sendo 5,76% assexual, 2,12% bissexual, 1,37% gay, 0,93% lésbica, 0,68% trans e 1,18% não-binário (Spizzirri *et al.*, 2022). Devido a diversidade ser uma característica inerente à comunidade LGBTQIAPN+, cada identidade de gênero e orientação sexual é afetada de diferentes formas pelas disparidades sociais com sua própria individualidade (Salerno *et al.*, 2020).

Ao serem comparados com indivíduos heterossexuais e/ou cisgêneros, as pessoas LGBTQIAPN+ apresentam índices menores de saúde mental, oriundos de desigualdades que afetam desproporcionalmente essa população, como maiores probabilidades de experimentar insegurança alimentar, habitação instável, falta de moradia e pobreza quando comparados a população em geral (Salerno *et al.*, 2020).

No Brasil, as violências cotidianas precisam ser consideradas no impacto à saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+. De acordo com o Grupo Gay da Bahia (2020), em 2019 o Brasil registrou 329 casos de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+. Em 2020, o país obteve uma queda de 28% no número de casos, com 237 registros, ao passo que sofreu um aumento de 8% no número de casos em 2021, com 300 registros de mortes violentas (GGB, 2021; GGB, 2022). O contexto de disparidades sociais e violência também está relacionado com os índices mais elevados de ansiedade, depressão, automutilação e suicídio encontrados na população LGBTQIAPN+. Além disso, comportamentos de abuso de substâncias também são mais prevalentes nesse grupo, como abuso de álcool e tabagismo (Brooks *et al.*, 2018).

O maior grupo autodeclarado dentro da comunidade LGBTQIAPN+ são as pessoas bissexuais, entretanto poucos são os estudos realizados com foco neste grupo. Parte substancial das pesquisas científicas passadas englobava pessoas bissexuais no mesmo grupo de gays e lésbicas respondentes, pressupondo que a estrutura cisheteronormativa e construtos sociais da LGBTfobia se manifestam da mesma forma para essas identidades diferentes (Swan, 2018).

---

<sup>1</sup> A sigla LGBTQIAPN+ surge para representar um grupo social diverso que sofre violências por não se adequarem às normatizações sociais. Para além disso, o termo solidifica a busca política pela defesa das pautas sociais de cada uma das letras (ou seja, pessoas que se identificam dessa forma) que a compõem (Moreira, 2022).

No que diz respeito à perspectiva binarizante da cisheteronormatividade<sup>2</sup>, a sexualidade é vista como dicotômica e monossexual, de forma que é considerado e validado apenas a existência da heterossexualidade e das homossexualidades (Hayfield, 2021).

A bissexualidade pode ser definida como a capacidade de atração física, romântica e ou emocional por mais de um sexo ou gênero. Vale salientar que essa capacidade de atração pode ou não se manifestar por meio da interação sexual (Feinstein; Dyar, 2017).

Diante dessa realidade, a saúde mental de cada pessoa LGBTQIAPN+ é afetada de maneira distinta. As pessoas bissexuais, nesse sentido, sofrem com a invalidação e invisibilização de suas sexualidades nas esferas intrapessoais, interpessoais e comunitárias, causando impactos negativos na saúde mental (Chan; Operario; Mak, 2020). De acordo com Ross *et al.* (2017), bissexuais apresentam maior prevalência de transtornos depressivos e ansiosos que minorias monossexuais. Sendo assim, bissexuais apresentam vulnerabilidades específicas quando comparados à gays e lésbicas e precisam de assistência e suporte específicos para lidar com os impactos das iniquidades sociais em sua saúde mental (Chan; Operario; Mak, 2020).

Segundo Cruz, Lima e Carneiro (2022), indivíduos bissexuais possuem dificuldades em sua inserção na comunidade LGBTQIAPN+. Isso se deve aos estigmas da binegatividade replicados por lésbicas e gays acerca do comprometimento de bissexuais com o movimento LGBTQIAPN+, justamente por assumirem que na realidade pessoas se identificam como bissexuais para preservar certos “privilégios heterossexuais” e que, na realidade, são homossexuais (Dyar; Feinstein, 2018; Hayfield, 2021). Ademais, esse grupo também sofre experiências de marginalização e estigmatização da população heterossexual. Dessa forma, a sobreposição de experiências resulta numa rejeição de bissexuais em comunidades heterossexuais e homossexuais, trazendo um caráter de estigmatização específico ao grupo e maiores taxas de desfechos negativos em saúde mental (Dyar; Feinstein, 2018).

Nesse sentido, o Modelo Teórico de Estresse de Minoria desenvolvido por Meyer (2023) é útil enquanto escopo de análise. Este propõe que pessoas de minorias sexuais lidam regularmente com o estresse inerente à vida somado às experiências estressantes decorrentes de seu status marginalizado. Mesmo após 20 anos de sua elaboração, a teoria do estresse de minoria continua influenciando e guiando pesquisas acerca da saúde e bem-estar de minorias

---

<sup>2</sup> Segundo Bonassi (2017, p. 41), a “heteronormatividade é uma palavra utilizada para designar a norma heterossexual pela qual se pressupõe que todas as pessoas são heterossexuais e assim permanecerão o resto da vida. A junção cisheteronorma denuncia que a normalidade não é só heterossexual ou só cisgênera, mas que em alguns casos seus efeitos são possíveis de serem analisados em conjunto”.

sexuais. Este modelo teórico demonstra-se relevante e foi expandido e aplicado para outros grupos minoritários (Frost; Meyer, 2023).

Devido a conjuntura a que estão inseridos, as estruturas opressoras que interagem nas múltiplas interfaces da vida de bissexuais geram o estresse de minoria. Alguns fatores como binegatividade, microagressões, ocultação da identidade, invisibilização social, invalidação social e internalização e antecipação do estigma compõem as especificidades do estresse de minoria vivenciado por bissexuais (Hayfield, 2021; Feinstein; Dyar, 2017). A saúde mental, nessa situação, acaba sendo impactada negativamente devido ao estresse crônico que bissexuais estão sujeitos a coexistir (Feinstein *et al.*, 2020).

Frente a essa realidade, a enfermagem se insere enquanto profissão na liderança de equipes interprofissionais de saúde, sempre buscando fornecer um cuidado centrado na pessoa a diversos grupos de minorias sexuais, à exemplo das pessoas bissexuais (Hughes *et al.*, 2022). Portanto, ao considerar que os bissexuais apresentam maior risco de desenvolver agravos à sua saúde mental e que existem poucos estudos específicos a esse grupo populacional, torna-se necessária a compreensão de como se encontra a saúde mental de bissexuais para uma prática da enfermagem acolhedora, eficaz e que respeite a singularidade de cada pessoa. Sendo assim, o estudo foi conduzido a partir da seguinte pergunta de pesquisa: como pessoas bissexuais descrevem sua saúde mental à luz da teoria do estresse de minoria?

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Bissexualidade e outros conceitos

#### 2.1.1 Bissexualidade

Existem múltiplas maneiras de definir a bissexualidade, contudo não há um consenso em sua definição. Segundo Shaw (2022) e Hayfield (2021), esse é um termo difícil de ser satisfatoriamente definido e carrega discussões e desacordos constantes em seu debate.

Segundo Saldanha, Monaco e Cruz (2022) em sua revisão de literatura, o termo “bissexualidade” passou por três noções de sentido historicamente. Inicialmente, do século XVII ao XX, a bissexualidade foi compreendida como um termo para designar corpos com genitálias com características femininas e masculinas, ou seja, o que seria lido como intersexo atualmente. Posteriormente, com o final do século XIX, foi compreendida como uma fase do desenvolvimento psíquico, referindo-se às pessoas que expressavam masculinidade e feminilidade. Por fim, no início do século XX, começou a ser definida como uma orientação sexual por alguns cientistas (Jaeger *et al.*, 2019; Saldanha; Monaco; Cruz, 2022). De acordo com Hayfield (2021), o termo também é historicamente usado para designar uma terceira categoria de identidade sexual, o meio-termo entre heterossexualidade e homossexualidade, que consiste na atração afetiva-sexual-romântica de um indivíduo para pessoas do gênero masculino ou feminino expressa por comportamentos.

Em contrapartida, há definições da bissexualidade como uma identidade fluida, o que permite a capacidade dessa identidade não se limitar ao gênero e incorporar a atração como um espectro. Com o advento da teoria *queer*, a bissexualidade começou a ser vista como uma potencial forma de ruptura radical e revolucionária com o binarismo sexual e de gênero (Hayfield, 2021). Paralelamente ao aumento das campanhas de visibilidade bissexual nos Estados Unidos, entre o final da década de 1980 e início dos anos 1990, também surgem as chamadas “epistemologias bissexuais”. Esse campo de estudos consiste na percepção de que pessoas bissexuais não pertencem a nenhum lado da dicotomia hétero/homossexual. Sendo assim, a bissexualidade é tida como um conceito epistemológico transformador, com potencial para desestabilização da binaridade heterossexual/homossexual. A diferença entre a teoria *queer* e as epistemologias bissexuais consiste no ponto de partida para a desestabilização (Monaco, 2021).

Em definições mais recentes, têm-se incorporado à identidade bissexual uma noção de construção gerada a partir de pensamentos, emoções e atração em detrimento da esfera comportamental (Hayfield, 2021). Além disso, algumas definições pontuam que a bissexualidade não é ilegítima em relação à proporção e manifestação de afeto ou ato de natureza emocional ou sexual com um gênero, ou seja, independentemente da frequência e da expressão do afeto, o indivíduo é bissexual quando assim se identificar (Ulisses da Silva; Meireles, 2023).

Segundo Flanders *et al.* (2016), a bissexualidade é um termo que pode ser definido como “termo guarda-chuva” (conhecido também como “*bisexual umbrella*”) para abarcar identidades e grupos de pessoas não-monossexuais e também pode ser conceituado a partir de uma perspectiva binária (atração por homens e mulheres) ou não-binária (atração por mais de dois gêneros e/ou para além da binaridade). Contudo, definir a bissexualidade apenas como binária em muitos contextos não reflete como indivíduos bissexuais a enxergam e a definem (Flanders *et al.*, 2016).

Sendo assim, Ochs (2014 *apud* Hayfield, 2021, p. 6, tradução nossa), propõe uma definição abrangente da bissexualidade como “o potencial de ser atraído, romanticamente e/ou sexualmente, por pessoas de mais de um sexo e/ou gênero, não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente da mesma forma, e não necessariamente no mesmo grau”.

### 2.1.2 Monossexualidade

Alguns conflitos conceituais podem surgir ao tentar compreender a bissexualidade de forma reducionista, excludente. Ou tentar explicá-la de forma dissociada do indivíduo bissexual e interpretá-la por instrumentos e concepções da monossexualidade, na qual a prática deve ser validada pelo ato, seja sexual, romântico ou afetivo para um único gênero, ou até mesmo através do julgamento moral de tais práticas (Ulisses da Silva; Meireles, 2023). Portanto, para entender a experiência de um indivíduo bissexual, é necessária a compreensão do que é monossexualidade e as ressalvas com relação às suas discussões.

Os termos “monossexual/monossexualidade” foram cunhados a partir de uma polarização que vai de encontro à “bissexual/bissexualidade”. Fazem parte do monossexismo, um aparato social que pressupõe todas as pessoas como monossexuais. Por definir como identidade monossexual as sexualidades cujas pessoas possuem apenas um objeto de desejo generificado, esses termos deslocam a heterossexualidade e a homossexualidade (gays e lésbicas) para atuarem como constituintes de um mesmo lado (Jaeger *et al.*, 2019; Monaco,

2021). Baseada na ótica monossexual, há o estabelecimento de práticas específicas como aceitáveis ou inaceitáveis. Essa lógica deriva do entendimento binário da sexualidade, visto que o pressuposto dicotômico de sexo biológico e de gênero acabam contribuindo para uma perspectiva dicotômica da sexualidade. A ótica monossexual estabelece a legitimação de héteros, gays e lésbicas em detrimento de bissexuais e demais identidades plurissexuais. A partir do escopo monossexual é que aparecem os fenômenos sistemáticos de deslegitimação, invalidação, marginalização e apagamento da bissexualidade como uma identidade viável (Hayfield, 2021; Ulisses da Silva; Meireles, 2023).

O principal uso da ideia de monossexualidade é para explicar que existem interesses comuns a heterossexuais e homossexuais no apagamento de classe, no apagamento individual e na deslegitimação de bissexuais. Yoshino (2000) nomeou esse fenômeno desempenhado por héteros, gays e lésbicas como “contrato epistêmico de apagamento bissexual”. A ideia de reconhecer e legitimar a bissexualidade ameaça a estabilidade dicotômica entre heterossexualidade e homossexualidade. Ambas identidades apenas são legítimas enquanto existem como possibilidades únicas, ainda que antagônicas. Portanto, a bissexualidade precisaria ser apagada para que a heterossexualidade e a homossexualidade não sejam alvo de desconfiança, passíveis de questionamento (Monaco, 2021).

Contudo, algumas ressalvas acerca das identidades monossexuais precisam ser feitas. É necessário considerar que, apesar de dicotômicos, não se pode assumir uma igualdade entre héteros e homossexuais nas relações de poder. Gays e lésbicas apresentam diferenças sociais e econômicas em comparação aos heterossexuais. Embora diferentes e hierarquizadas, essas duas posições se colocam como opostas, reconhecendo uma à outra e externalizando a bissexualidade, que por sua vez se torna impensável e invisível. Além disso, é preciso considerar que apenas categorizar a bissexualidade numa oposição à monossexualidade, criando uma díade bissexual/monossexual, significa colocá-la num enquadramento binário. Com isso, a bissexualidade perde o potencial de perturbar as estruturas e contribui para a polarização e binarização (Monaco, 2021).

### 2.1.3 Bifobia e binegatividade

Outro fenômeno importante na experiência de pessoas bissexuais é a vulnerabilidade à bifobia e à binegatividade. A bifobia consiste num termo que engloba atitudes negativas, antipatia e preconceito direcionados à bissexualidade e às pessoas bissexuais. Por se assemelhar a termos como homofobia e transfobia, a “bifobia” consiste na terminologia mais conhecida

por pesquisadores e além do meio acadêmico para abordar experiências estigmatizantes de bissexuais. Apesar disso, existem questões quanto ao seu emprego (Hayfield, 2021).

O termo bifobia carrega uma herança psicopatológica em função do sufixo "fobia", que caracteriza noções de medo e distúrbios psicológicos, ou seja, um comportamento individual. Isso marca uma especificidade dessa violência em relação a outras como o racismo, o machismo, o capacitismo etc. Ou seja, uma diferenciação em relação a problemas estruturais. Por vezes, isso dificulta determinados enfrentamentos numa perspectiva de responsabilização coletiva, visto que o termo simplifica as complexidades das experiências negativas vivenciadas por bissexuais. A noção disseminada pelo termo de que atitudes envolvendo grupos minoritários são um fenômeno individual acaba apagando os processos interacionais entre fatores sociais, culturais e políticos que fomentam a opressão de bissexuais (Jaeger *et al.*, 2019; Hayfield, 2021).

Nesse sentido, o termo “binegatividade” surge para se referir às atitudes negativas, à marginalização e estigmatização da bissexualidade de maneira mais abrangente, ao passo que reconhece as nuances da opressão de pessoas bissexuais (Hayfield, 2021). Pessoas que demonstram hostilidade, intolerância e/ou aversão a indivíduos bissexuais tendem a apresentar uma crença da bissexualidade como algo imoral. Ademais, outros aspectos da binegatividade são os estereótipos da ilegitimidade da bissexualidade enquanto orientação sexual e os estereótipos acerca do comportamento sexual de pessoas bissexuais. Com isso, diversos preconceitos sobre pessoas bissexuais são preconizados socialmente (Dyar; Feinstein, 2018).

## **2.2 Desenvolvimento da identidade bissexual**

A construção da identidade bissexual é, portanto, um processo múltiplo e individual. Em um estudo realizado por Gómez e Arenas (2019), os participantes apresentaram diferentes perspectivas sobre esse processo. Alguns o caracterizaram como lento e gradual tanto no reconhecimento como na aceitação. Outros como problemático e caótico, ao passo que alguns negaram características caóticas e problemáticas nesse processo. Contudo, existem fases no processo de desenvolvimento da identidade bissexual as quais todos perpassaram (Gómez; Arenas, 2019).

A primeira fase, a curiosidade de experimentação, consiste numa abertura para viver experiências que surgem em várias fases do desenvolvimento do ser humano. Essa curiosidade, por sua vez, pode surgir na infância, na adolescência ou na vida jovem-adulta. Durante a infância, é comum uma curiosidade para interagir com ambos os sexos. Na adolescência,

geralmente surgem desejos sexuais despertados pelos dois sexos, o que caracteriza o espectro bissexual. Na vida jovem adulta, o indivíduo bissexual sente vontade de experimentar com o mesmo sexo (Gómez; Arenas, 2019).

A segunda fase, os obstáculos, consistem em estruturas e situações que dificultam o reconhecimento da própria bissexualidade e sua aceitação, como a noção de que assumir uma heterossexualidade seria uma ideia mais fácil e a falta de suporte da família. Devido à heteronormatividade, o indivíduo bissexual muitas vezes enxerga o desenvolvimento de uma pessoa heterossexual como mais fácil. Assim, em alguns casos ele prefere esconder sua orientação bissexual para não correr o risco de julgamentos e rejeições. A falta de suporte familiar com relação à orientação e identidade bissexual, por sua vez, dificulta o processo de descoberta, construção e consolidação do indivíduo (Gómez; Arenas, 2019).

A terceira fase, a confusão no desenvolvimento da identidade bissexual, apresenta um momento de autoquestionamento intenso. A comparação com as experiências alheias, por sua vez, carrega o indivíduo para um caminho de confusão acerca da própria identidade. O indivíduo não sabe se definir e questiona se poderia ser homossexual. Nesse contexto, é comum ver a procura por ajuda como psicoterapia e relatos de experiências online. Também surgem estratégias individuais para lidar com a inquietação provocada pelo autoquestionamento, sendo a negação da própria orientação o mais comum (Gómez; Arenas, 2019).

A quarta fase, a acomodação parcial com a identidade bissexual, consiste num estado em que o indivíduo está mais familiarizado e confortável com a atração por ambos os sexos e/ou gêneros sem ainda ter chegado numa aceitação plena da própria sexualidade. A quinta fase, o reconhecimento da bissexualidade como orientação sexual, consiste num comprometimento maior com as necessidades emocionais, físicas e sexuais que uma pessoa bissexual vive. Nesse momento, o indivíduo reconhece e valida a bissexualidade como uma sexualidade existente e real, contrariando a norma social binária e monossexual imposta (Gómez; Arenas, 2019).

A sexta e última fase, a aceitação, é a transformação do comprometimento com a bissexualidade em aceitação da própria identidade e orientação sexual. Nesse momento, o indivíduo percebe uma maior coesão interna e externamente, consegue expressar melhor sua identidade e incorpora a bissexualidade como parte de sua própria identidade (Gómez; Arenas, 2019). Esse modelo de desenvolvimento da identidade bissexual demonstra, assim, as crises de identidade que muitos indivíduos bissexuais passam em sua construção, uma reação interna comum por ter uma identidade socialmente marginalizada. Contudo, outras esferas e níveis de estressores de identidade precisam ser consideradas para além da intrapessoal (Chan; Operario; Mak, 2020).

Ao serem inseridos no meio social, o processo de construção da identidade bissexual está sujeito à diversos níveis de interferência. Segundo Chan, Operario e Mak (2020), a pessoa bissexual pode apresentar estresse de identidade sexual devido à exposição constante ao monossexismo e sua perspectiva binária em múltiplos níveis: intrapessoal, interpessoal e comunitária. Essas influências, por sua vez, podem comprometer a saúde mental de bissexuais (Chan; Operario; Mak, 2020).

Na esfera intrapessoal, o bissexual apresenta estresse de identidade sexual devido ao contato crônico com crenças monossexistas difundidas socialmente. Com isso, o indivíduo bissexual pode internalizar a visão negativa de que a bissexualidade não é uma orientação sexual legítima e válida. Nesse contexto, o bissexual pode apresentar conflito, vergonha, dúvida e ambivalência acerca da própria identidade sexual. A constante invisibilização social da bissexualidade pode gerar incerteza da própria identidade, o que pode ser um fator contribuidor para a baixa saúde mental (Chan; Operario; Mak, 2020).

No âmbito interpessoal, a pessoa bissexual se depara com a binegatividade e suas reverberações sociais. Os estereótipos sociais de ilegitimidade e instabilidade dessa identidade sexual contribuem para a disseminação de concepções céticas da validade da bissexualidade como sexualidade e identidade, além de preconizar essa identidade como uma fase transitória e experimental. Somado à isso, os estereótipos recaem para a individualidade da pessoa bissexual com suposições de promiscuidade, desconfiança e disposição para infidelidade em relações românticas (Chan; Operario; Mak, 2020).

O estigma acerca da bissexualidade é oriundo de duas populações, advindo não apenas de heterossexuais, mas também de homossexuais. Neste último grupo, é comum a suposição de que indivíduos bissexuais possuem acesso à privilégios heterossexuais, ao passo que evitam o estigma da homossexualidade (Chan; Operario; Mak, 2020). Essas concepções estigmatizadas geram estresse de minoria em pessoas bissexuais e, por esses motivos, eles mais comumente escondem sua orientação sexual quando comparados à gays e lésbicas (Feinstein *et al.*, 2020).

Nesse sentido, a esfera comunitária de bissexuais é afetada. Para indivíduos LGBTQIAPN+, a experiência da comunidade pode promover apoio social, fonte de informações, estratégia de resiliência e sensação de pertencimento. Contudo, bissexuais se sentem menos conectados e pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, visto que a binegatividade também pode ocupar esse espaço comunitário. Assim, bissexuais estão suscetíveis à marginalização, invisibilização e desvalorização dentro da própria comunidade (Chan; Operario; Mak, 2020).

### 2.3 Teoria do Estresse de Minoria

A teoria do estresse de minoria foi inicialmente desenvolvida por Brooks (1981 *apud* Rich *et al.*, 2020), que utilizou uma abordagem de teoria de sistemas para conceituar um modelo com estressores culturais e sociais de múltiplos níveis que se transmitiam para estressores biofísicos e psicológicos. Para a autora, o estresse de minoria é um:

Estado entre estressores antecedentes e sequenciais de um status culturalmente sancionado, categoricamente atribuído, com preconceito e discriminação resultantes, o impacto dessas forças na estrutura cognitiva do indivíduo e o conseqüente reajuste ou falha adaptativa (Brooks, 1981 *apud* Rich *et al.*, 2020, p. 1, tradução nossa).

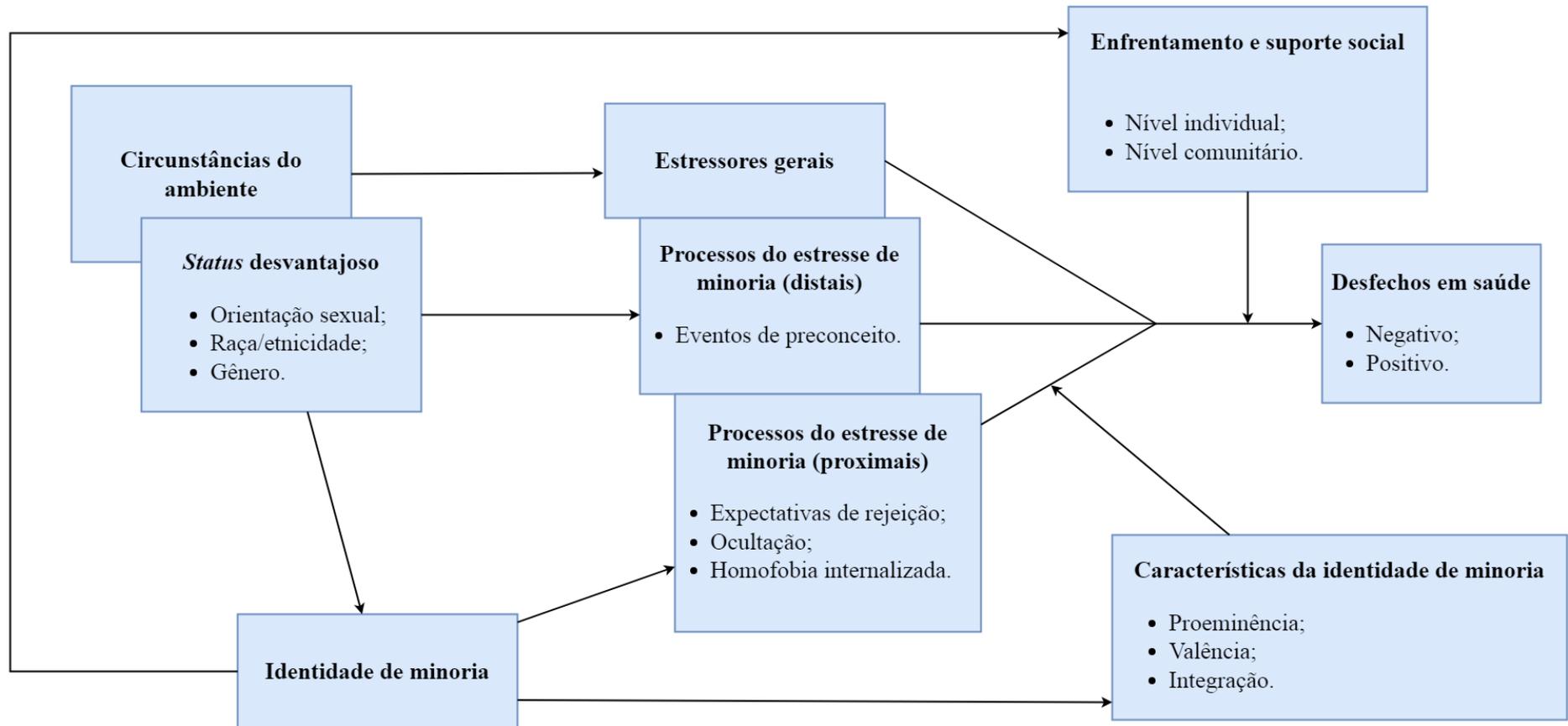
A autora teve como objetivo, ao propor esse modelo teórico, a identificação de variáveis importantes em testes de hipótese sobre os desfechos de saúde mental e física de indivíduos que fazem parte de minorias sexuais. Dessa forma, contribuindo em última instância para a redução do estresse e a melhora da saúde nesses grupos (Rich *et al.*, 2020).

Posteriormente, Meyer (2003) propõe um modelo teórico de estresse de minoria em populações sexualmente marginalizadas, mais especificamente gays, lésbicas e bissexuais. Para isso, utiliza como base teorias sociais e teorias psicológicas para sua elaboração. O modelo considera que as circunstâncias do ambiente possuem estressores gerais atuantes no indivíduo. Contudo, quando o indivíduo faz parte de uma minoria social, há uma sobreposição de estressores distais e proximais (Meyer, 2003). Esses estressores, coletivamente, são responsáveis por adicionar uma carga de estresse a mais em pessoas de minorias sexuais e de gênero quando comparadas a pessoas cisheterossexuais. As disparidades em saúde de minorias sexuais surgem a partir da exposição excessiva ao estresse social. Isso ocorre devido ao estado de estigmatização social o qual as populações de minorias sexuais são enquadradas, em relação às pessoas heterossexuais (Frost; Meyer, 2023).

Estressores distais tipicamente se referem a eventos vivenciados pelo indivíduo, ao passo que estressores proximais envolvem a avaliação do indivíduo sobre o ocorrido (Douglass; Conlin, 2020). Estressores distais também incluem estressores originados por pessoas e instituições que impactam pessoas LGBTQIAPN+, como: políticas e leis, eventos agudos da vida (desemprego, ser vítima de violência), estressores crônicos (pobreza), microagressões e discriminações diárias (como ser tratado desrespeitoso ou injustamente). Estressores proximais advêm do processo de socialização que as pessoas de minorias passam, de maneira que: aprendem a rejeitar a si mesmas por serem LGBTQIAPN+ (estigma internalizado), desenvolvem expectativas de serem estigmatizadas devido ao senso da norma social vigente

(expectativas de rejeição) e/ou escondem a própria identidade como uma forma de autoproteção (ocultação da identidade) (Frost; Meyer, 2023). A partir da relação entre esses fatores e sua sobreposição, os desfechos em saúde mental podem ser positivos ou negativos. O modelo ainda reconhece enfrentamento e suporte social como fatores atenuantes ou agravantes dos desfechos em saúde mental (Meyer, 2003). A Figura 1 ilustra abaixo o modelo da teoria do estresse de minoria:

**Figura 1.** Esquematização da teoria do estresse de minoria traduzido. Recife-PE, 2023.



Fonte: Elaborado e traduzido pelo autor (2023).

Ao contrário da teoria inicial de que apenas o desenvolvimento de estressores proximais é influenciado pela ocorrência de estressores distais, um estudo conduzido por Douglas e Conlin (2020) destaca a possibilidade de que a relação entre estressores distais e proximais seja bidirecional. Por exemplo, a experiência de sofrer discriminação envolve dimensões contextuais e estruturais, mas um indivíduo marginalizado pode prever situações de discriminação devido a carga de expectativa de rejeição vivenciada internamente (Douglas; Conlin, 2020).

A teoria do estresse de minoria possui diversas aplicações. O modelo teórico já foi aplicado tanto em políticas públicas como protocolos clínicos e de aconselhamento, bem como expandido para estudar os efeitos do estresse de minoria em outros ambientes, como o de trabalho. Ademais, o modelo também foi adaptado para abarcar minorias de gênero, e mais recentemente tem sido utilizado para descrever os efeitos danosos da exposição ao estigma e ao preconceito em casais e famílias LGBTQIAPN+ (Rivas-Koehl; Rivas-Koehl; Smith, 2023).

Entretanto, o modelo apresenta algumas limitações e críticas. Algumas pesquisas destacam a necessidade de incorporação de processos culturalmente específicos no modelo teórico com o intuito de aprimorar sua relevância fora do contexto ocidental. Uma linha de crítica sugere que o modelo teórico opera a partir de uma abordagem baseada no déficit, sem atenção suficiente para desfechos positivos e resiliência dentre as minorias sexuais e de gênero. A teoria não aborda pontos-chave de bem-estar positivo e recursos de resiliência, que estão recebendo um enfoque maior na área (Frost; Meyer, 2023).

Outra limitação consiste na falta de incorporação de perspectivas interseccionais no modelo proposto originalmente por Meyer (2003). Apesar de considerar a multiplicidade de minorias existentes num único indivíduo, o modelo a contextualiza numa abordagem somatória na experiência do estresse vivenciado e não atende à interseccionalidade das identidades (Rivas-Koehl; Rivas-Koehl; Smith, 2023).

Em sua metanálise, Warwick-Mick (2022) buscou analisar se estudos com uma abordagem interseccional possuem evidências mais robustas em comparação aos que consideram apenas um aspecto da identidade. Em seus resultados, encontrou que os estudos interseccionais apresentam uma potencialidade maior de tamanho de efeito. Isso demonstra que uma perspectiva interseccional pode contribuir no aperfeiçoamento dos achados em pesquisas utilizando o modelo do estresse de minoria (Warwick-Mick, 2022).

Meyer (2003) também aponta como limitação o amalgamento das identidades gay, lésbica e bissexual nos estudos os quais baseou o seu modelo teórico. Na época, as evidências já sugeriam uma distinção entre o número maior de estressores que bissexuais são expostos e

consequentemente a maior possibilidade de agravos em saúde mental, em comparação à gays e lésbicas. Existe uma certa tendência acadêmica, política e social de amalgamar a bissexualidade com a homossexualidade, desconsiderando suas vivências e especificidades distintas. Portanto, estudos com bissexuais são pertinentes para compreender mais profundamente as especificidades do estresse de minoria que sofrem impacto (Ulisses da Silva; Meireles, 2023).

## 2.4 Saúde mental de bissexuais

Ao serem inseridos no âmbito social, bissexuais estão sujeitos a diversas experiências de socialização que podem impactar negativamente a saúde mental desse grupo. Indivíduos bissexuais estão sujeitos a serem expostos a binegatividade (Hayfield, 2021). As práticas bissexuais foram e ainda são relatadas de forma marginalizada, como práticas sexuais ilegítimas, relacionadas à não-monogamia, à infidelidade e à transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (Jaeger *et al.*, 2019).

Em metanálise realizada por Ross *et al.* (2017), foi apontado que bissexuais apresentam uma prevalência mais elevada de depressão e ansiedade quando comparados à gays e lésbicas. O estresse de minoria nessa população, em específico, é tanto causador como perpetuador de situações de discriminação com bissexuais, invisibilização e apagamento da bissexualidade como identidade sexual e escassez de apoio afirmativo para pessoas bissexuais. Estudo realizado por Chan, Operario e Mak (2020) apresentou que bissexuais atenderam mais aos critérios clínicos de depressão e transtorno de ansiedade quando comparados à gays e lésbicas, e em contrapartida apresentaram taxas menores de florescimento, termo relacionado ao nível de satisfação e compromisso com a vida. Os participantes bissexuais apresentaram um florescimento de 15,1% ao passo que participantes gays e lésbicas apresentaram 21,4%.

Numa metanálise realizada por Salway *et al.* (2018) acerca de ideação suicida e tentativa de suicídio em indivíduos bissexuais, os autores acharam proporções estatisticamente significantes de ideação suicida e tentativa em bissexuais (mais especificamente, mulheres bissexuais e adolescentes bissexuais) quando comparados aos respondentes gays e lésbicas. Além disso, as altas taxas podem estar atreladas às experiências de monossexismo estrutural e interpessoal, apagamento e invisibilização bissexual e falta de suporte social (Salway *et al.*, 2018).

Em um artigo de revisão acerca de estressores de minoria específicos para bissexuais, Maggi (2021) identificou cinco categorias principais: deslegitimação/apagamento,

estereotipação, rejeição dupla, incerteza de identidade/ocultação e binegatividade internalizada. A autora também as categoriza de acordo com o modelo proposto por Meyer (2003), sendo as três primeiras estressores distais e as duas últimas estressores proximais. Ademais, VanMattson (2022) também descreve um estressor chamado “antecipação da binegatividade”, cuja natureza é proximal. Esses estressores serão detalhados abaixo.

#### 2.4.1 Deslegitimação/Apagamento

Consiste na coexistência das crenças de que a bissexualidade não existe enquanto sexualidade e do apagamento sistemático das identidades bissexuais. A partir disso, a bissexualidade é percebida como confusão ou uma fase do desenvolvimento, no qual a pessoa bissexual está “experimentando” enquanto transita para ser ou heterossexual, ou homossexual (Maggi, 2021). Essa concepção advém da lógica monossexual, e acarreta na suposição de que bissexuais são imaturos demais para entender a sua “identidade verdadeira”, ou ainda que são incapazes de se comprometer com a heterossexualidade ou a homossexualidade. Consequentemente, esses indivíduos sofrem uma pressão para escolher um lado e se encaixar na norma monossexual (Hayfield, 2021).

De acordo com essa percepção, a bissexualidade eventualmente será apagada assim que essa fase findar. Isso decorre da baixa visibilidade social que a bissexualidade possui, em virtude do monossexismo. De maneira geral, mesmo quando uma pessoa bissexual se envolve com alguém romanticamente e/ou sexualmente, ela será lida de acordo com o gênero do parceiro. Para a leitura alheia, isso significa a “escolha de um lado” e a passagem dessa fase (Maggi, 2021). Ao pesquisar sobre as consequências psicológicas do apagamento social da bissexualidade, Souza *et al.* (2022) elenca crises de identidade, ansiedade, medo, repressão de sentimentos, dificuldade de aceitação e exclusão social como suas principais consequências. Percebe-se, portanto, um impacto mental em bissexuais oriundo da experiência de não se ver em lugar algum no âmbito social.

Além disso, o apagamento também repercute na capacidade de reconhecimento entre bissexuais. Em seu estudo, Nelson (2020) elucida que mesmo querendo reconhecimento, bissexuais não souberam dizer como reconhecer outro bissexual na rua. A dificuldade em reconhecer semelhantes também dificulta a articulação comunitária entre bissexuais, que geralmente fica limitada ao espaço virtual da internet. Consequentemente, o acesso a espaços acolhedores é reduzido, bem como conhecimento de abordagens para lidar com o estigma relacionado à bissexualidade (Dyar; Feinstein, 2018).

### 2.4.2 Estereotipação

As concepções permeadas pela binegatividade contam com estereótipos acerca do comportamento e atitudes de bissexuais para sua disseminação. Nesse sentido, a noção da falta de comprometimento de bissexuais com uma identidade monossexual se alastra para o campo das relações afetivas. Bissexuais, portanto, são tidos como pessoas incapazes de se comprometer numa relação monogâmica, são mais propensos à infidelidade e também contêm infecções sexualmente transmissíveis. Consequentemente, muitas pessoas não concebem relações afetivas de longo prazo com pessoas bissexuais (Dyar; Feinstein, 2018).

É comum o estereótipo de que mulheres bissexuais são na verdade heterossexuais, ao passo que homens bissexuais são na realidade homossexuais. Esse estereótipo opera, indiretamente, com o movimento de deslegitimação da bissexualidade (Hayfield, 2021).

Outro estereótipo reside na ideia de que, como bissexuais podem se atrair por mais de um gênero, estes realizam múltiplas relações sexuais com diversos parceiros o tempo todo. Isso contribui na desinformação de que bissexuais são hipersexuais, obcecados com sexo e promíscuos (Hayfield, 2021). Esse estereótipo desemboca na erotização e fetichização dos indivíduos bissexuais, que sob essa ótica, são percebidos como emocionalmente incapazes de envolvimento afetivo quando comparados à héteros e gays/lésbicas. Vale salientar que mulheres bissexuais são mais afetadas por esse fenômeno, devido ao caráter sexista e machista que estrutura a sociedade (Jaeger *et al.*, 2019; Ulisses da Silva; Meireles, 2023).

Para Hertlein *et al.* (2016, p.341, tradução livre, *apud* Ulisses da Silva; Meireles, 2023), este processo é chamado de “bissexualidade performativa, na qual o comportamento sexual feminino com o mesmo gênero é encorajado por e direcionado para a audiência masculina”. Portanto, a bissexualidade feminina não é aceita, mas condicionada à uma aprovação quando exercê-la satisfaz desejos e fantasias masculinos. Em última instância, esses estereótipos pioram os processos de estigmatização e marginalização social da bissexualidade.

### 2.4.3 Rejeição dupla

A rejeição dupla, também chamada de “dupla discriminação”, é um estressor distal que aborda como bissexuais são alvo de atitudes binegativas tanto de heterossexuais como de homossexuais (Hayfield, 2021; Maggi, 2021). Para além do paradigma monossexual, o estigma

arraigado em gays e lésbicas ao redor da bissexualidade reside na concepção de “passabilidade<sup>3</sup> hétero”. Gays e lésbicas argumentam que ao se identificar como bissexual, o indivíduo está buscando reter um certo privilégio hétero ao passo que evita a homofobia/lesbofobia por não se assumir gay/lésbica (Dyar; Feinstein, 2018). Historicamente, a comunidade homossexual também já chegou a apelidar bissexuais com o termo “gilete” (aquele que corta dos dois lados), como uma forma de escárnio para se referir à concepção de indecisão da própria sexualidade (Saldanha; Monaco; Cruz, 2022).

Apesar de quantitativamente sofrerem mais binegatividade oriunda de pessoas hétero, a binegatividade oriunda de gays e lésbicas se mostrou qualitativamente mais danosa emocionalmente para bissexuais. Ademais, esse cenário corrobora para a dificuldade no acesso de bissexuais ao apoio comunitário (Maggi, 2021).

Por outro lado, pessoas bissexuais também podem ser acusadas de reforçar a binaridade de gênero ou serem transfóbicas. Isso acontece devido a problemas e interpretações equivocadas quanto à conceitualização e vivência da bissexualidade (Feinstein *et al.*, 2023).

#### 2.4.4 Incerteza de identidade/Ocultação

A incerteza de identidade é a dificuldade encontrada por um indivíduo em assumir um “rótulo” que melhor descreva seus comportamentos e suas atrações (VanMattson, 2022). Ainda que pessoas de minorias sexuais possam vir a experimentar algum grau de incerteza quanto a sua identidade em função do heterossexismo, bissexuais experienciam algo a mais, as pressões monossexistas. Os processos distais de deslegitimação e a influência monossexual no contexto em que se inserem contribuem na incorporação, por parte do bissexual, de concepções como por exemplo: a bissexualidade enquanto fase do desenvolvimento sexual (Maggi, 2021).

Em função do preconceito e da invisibilização, bissexuais precisam constantemente decidir entre assumir ou ocultar sua sexualidade para as outras pessoas e instituições (Maggi, 2021). Quanto à ocultação, Feinstein *et al.* (2020) encontraram o fenômeno mais comumente em indivíduos mais jovens, em mulheres cis e em bissexuais. Além disso, a ocultação também foi associada a níveis mais elevados de depressão e ansiedade generalizada. Os autores, contudo, ressaltam a importância de se considerar os potenciais riscos que bissexuais têm ao assumir suas identidades, visto que há uma vulnerabilidade à experiências de rejeição, violência e discriminação associadas (Feinstein *et al.*, 2020). Vale ressaltar que ocultar a própria

---

<sup>3</sup> Segundo Ozbilgin *et al.* (2022), a passabilidade “é frequentemente definida como ser e parecer congruente com as expectativas normativas de um contexto social ou institucional”.

identidade pode ser protetivo em alguns ambientes, mas também pode prover limitações ao acesso de suporte social e afirmativo (Frost; Meyer, 2023).

#### 2.4.5 Binegatividade internalizada

Diante da binegatividade a qual são expostos, bissexuais podem internalizar essas crenças sociais de cunho negativo acerca da bissexualidade e aplicá-las tanto a si mesmos quanto para outros bissexuais. Esse fenômeno, chamado de “binegatividade internalizada”, um estressor proximal, pode estar associado a maiores taxas de baixa autoestima, estresse psicológico e depressão (Hayfield, 2021). Além disso, esse estressor pode gerar outros processos proximais, como a incerteza de identidade (VanMattson, 2022).

Em estudo sobre a binegatividade internalizada, Pollitt e Roberts (2021) encontraram em seus resultados que mulheres bissexuais apresentam maiores taxas de binegatividade internalizada que homens bissexuais, e bissexuais transgênero apresentam taxas menores de binegatividade internalizada que bissexuais cisgênero.

#### 2.4.6 Antecipação da binegatividade

Esse estressor proximal pode surgir como um possível resultado de uma exposição crônica à binegatividade. Nesse sentido, a pessoa bissexual pode começar a antecipar o estigma, sentir medo e esperar uma rejeição por ter essa identidade. O sentimento de medo pode interferir, também, na decisão por ocultar a própria sexualidade (VanMattson, 2022).

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Desvelar a percepção de bissexuais sobre a sua saúde mental, considerando os pressupostos da teoria do estresse de minoria.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Tipo de estudo**

Tratou-se de um estudo Exploratório-Descritivo Qualitativo (EDQ), definido como metodologia voltada para explorar, descrever e compreender os fenômenos humanos e seus significados para as pessoas que os experienciam. Assim, explora a experiência subjetiva do indivíduo acerca do fenômeno e a expressa de forma descritiva. É utilizada para realização de pesquisas nos âmbitos do cuidado em saúde que não foram amplamente estudados ainda. Além disso, a EDQ tem o potencial de explorar e descrever aspectos que compõem a prática da enfermagem, tanto na perspectiva do enfermeiro como do usuário, a educação na enfermagem e a enfermagem na esfera política (Hunter; McCallum; Howes, 2019).

### **4.2 Local de estudo**

O local escolhido foi a Região Metropolitana do Recife (RMR), visto que algumas das cidades que a compõem possuem altas taxas de violência para com a população LGBTQIAPN+, conforme demonstrado pela análise espacial de Mendes e Silva (2020). A RMR é composta por São Lourenço da Mata, Itapissuma, Ilha de Itamaracá, Igarassu, Camaragibe, Araçoiaba, Abreu e Lima, Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Ipojuca, Paulista e Recife (IBGE, 2021).

Segundo análise espacial de Mendes e Silva (2020) acerca de homicídios contra esse grupo no Brasil, o Recife ocupa o terceiro lugar das capitais com 27,03 homicídios de LGBTQIAPN+ por cada 100 mil habitantes. Além disso, alguns municípios que compõem a RMR também apresentaram altas taxas de homicídios por 100 mil habitantes, como Cabo de Santo Agostinho (17,3), Olinda (15,4) e Camaragibe (13,7). Diante desse cenário, é válido realizar o estudo em Recife e região metropolitana para compreender as interconexões entre essa ambientação contextual e a saúde mental de bissexuais (Mendes; Silva, 2020). A utilização de índices de violência se deu em virtude dos impactos negativos na saúde mental de indivíduos LGBTQIAPN+ frente às situações de violência, estigmatização e discriminação (Moagi *et al.*, 2021).

### **4.3 População de estudo**

A população foi composta por indivíduos de acordo com os seguintes critérios de inclusão: pessoas que se autodeclaram como bissexuais (qualquer que seja a sua identidade de gênero), com faixa etária acima de 18 anos, que residam ou transitem frequentemente pela RMR. Foi considerada como pessoa que transita na RMR as pessoas que trabalham, estudam ou ainda circulam com frequência no território adscrito, sem necessariamente ter residência fixa em um destes municípios. Ademais, o critério de exclusão foram indivíduos sem disponibilidade ou acesso à internet e/ou ferramenta de acesso ao ambiente virtual (computador, celular, notebook etc.) para a realização da entrevista.

#### **4.4 Amostra do estudo**

O tipo de amostragem adotado foi não probabilística proposital. Segundo Hunter, McCallum e Howes (2019), a amostragem proposital é a mais apropriada para a EDQ. Esse tipo de amostragem consiste na escolha, por parte intencional do pesquisador, dos indivíduos que melhor possam falar sobre o tema a ser estudado. Com o objetivo de atingir representatividade da população, essa amostragem prioriza a escolha de participantes que possam, paralelamente, prover informações que atendam os objetivos do estudo (Hunter; McCallum; Howes, 2019; Luciani *et al.*, 2019).

Alguns estudos indicam a necessidade de uma amostra de 30 participantes, para que categorias e subcategorias importantes surjam. Contudo, é reconhecido que amostras menores são válidas, desde que justificada a relação do seu tamanho amostral com os objetivos da pesquisa. Outros estudos sugerem entre 12 e 18 participantes, e a maioria dos estudos com metodologia EDQ possuem em média 15 participantes na amostra (Hunter; McCallum; Howes, 2019; Luciani *et al.*, 2019).

O tamanho da amostra foi mediado pela saturação dos códigos coletados. Saturação é o princípio mais comum para guiar a avaliação do tamanho adequado de amostras propositalis em pesquisas qualitativas. Consiste no ponto da coleta de dados em que problemas e insights mais importantes estão exaustos de dados, o que significa que as categorias conceituais que compõem o banco de dados estão "saturadas". Em aplicações mais amplas da saturação, comumente chamadas de "saturação de dados" ou "saturação temática", esta refere-se mais ao tamanho da amostra que a adequação dos dados para o desenvolvimento da teoria, como ocorre na "saturação teórica" (Hennink; Kaiser, 2022). Nesses casos, a saturação é comumente descrita como o ponto da coleta de dados e análise em que a entrada de dados produz pouca ou nenhuma informação nova relacionada a pergunta de pesquisa (Guest; Namey; Chen, 2020).

Para este estudo, adotou-se a saturação de códigos, também conhecida como saturação teórica. Além disso, foi utilizado o método proposto por Guest, Namey e Chen (2020). Esse método foi elaborado com o objetivo de prover uma maior transparência na apresentação dos dados oriundos da saturação, proporcionando uma facilidade na interpretação dos mesmos por outros pesquisadores.

Sua aplicação consiste num cálculo simples, e pode ser utilizado tanto prospectivamente quanto retrospectivamente. Ao ser utilizado prospectivamente, durante a coleta e análise dos dados, o método serve para averiguar o momento em que a saturação foi atingida. Para avaliar a adequação da amostra, o método pode ser utilizado retrospectivamente, após a coleta e análise dos dados (Guest; Namey; Chen, 2020).

O método introduz três conceitos-chave: “*base size*”, “*run length*” e “*new information threshold*”. O “*base size*” consiste na somatória dos temas e informações já identificados numa base de dados para utilizar como denominador. Numa pesquisa utilizando entrevistas, por exemplo, consiste no somatório dos temas que surgiram nas primeiras entrevistas. A “*run length*” refere-se ao número de entrevistas que devem ser realizadas para, então, calcular-se o valor de novas informações. Esta ocupa o numerador da razão. O “*new information threshold*” consiste no resultado do cálculo, que por sua vez determina a saturação quando o resultado estiver maior ou igual a 5% de novas informações (novas temáticas), ou atingir 0% (nenhum tema novo) (Guest; Namey; Chen, 2020). No presente estudo, o método foi usado prospectivamente. Foram utilizados como “*base size*” o somatório das novas temáticas das quatro primeiras entrevistas, e a “*run length*” foi calculada conforme cada duas novas entrevistas eram realizadas.

Paralelamente, a saturação foi estabelecida após a realização de oito etapas: 1) Realização dos registros de dados brutos; 2) Exploração dos dados das entrevistas; 3) Reunião das análises de cada entrevista; 4) Reunião dos temas selecionados; 5) Nomenclatura dos dados; 6) Alocar numa tabela os temas e tipos de enunciados; 7) Constatar a saturação teórica para cada pré-categoria ou nova categoria e 8) Visualizar a saturação de acordo com estudos semelhantes, esse número ficando em torno de 12 a 15 entrevistas em profundidade (Fontanella, 2011).

#### **4.5 Procedimentos de coleta de dados**

Para o recrutamento dos participantes, foi utilizado o método bola de neve. Luciani *et al.* (2019) conceituam essa estratégia como uma técnica específica de recrutamento, referindo-

se à área da saúde. Essa técnica permite ao pesquisador o recrutamento para o estudo de participantes de populações de difícil acesso ou desconhecidos pelo pesquisador. A utilização das redes sociais pode potencialmente reduzir a necessidade de tempo e recursos humanos e financeiros para a realização da pesquisa (Leighton *et al.*, 2021).

Ademais, as redes sociais constituem um espaço para indivíduos LGBTQIAPN+ utilizarem como meio de experienciar conexões, suporte, educação e exploração da identidade (Berger *et al.*, 2022; Nelson *et al.*, 2022). Vale ressaltar que o método de coleta bola de neve possui um risco de potencial viés quando o pesquisador possui relações com os participantes do estudo. Por meio das redes sociais, a coleta poderá ser mais expansiva de maneira que o pesquisador entre em contato com mais participantes que não possui relação (Leighton *et al.*, 2021).

Os contatos iniciais ocorreram por redes sociais de domínio público, em que o pesquisador contactou perfis de pessoas bissexuais no *Instagram*® e no *Twitter*®. O pesquisador entrou em contato com participantes que se enquadraram nos critérios de inclusão da pesquisa e informou-os sobre a pesquisa, bem como sobre os aspectos éticos, riscos e benefícios discutidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para coleta virtual ou *online*. A pessoa bissexual que aceitou participar da pesquisa, após assinatura do TCLE na modalidade *online*, prosseguiu para a etapa da coleta de dados (Oliveira *et al.* 2021).

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas. Em sua revisão sistemática, Kallio *et al.* (2016) apontou que a entrevista semiestruturada é um método válido para o estudo das percepções e opiniões de pessoas sobre um tema. As entrevistas foram realizadas virtualmente, sendo gravadas por meio da plataforma *Google Meet*. Os participantes responderam um questionário objetivo para coleta de dados sociodemográficos (ver Apêndice A), seguido por um roteiro semiestruturado de perguntas norteadoras abertas para a entrevista (ver Apêndice B).

Posteriormente a coleta de dados, foi solicitado ao entrevistado que este indicasse pessoas que também se encaixassem nos critérios da pesquisa e possivelmente pudessem responder o instrumento da coleta de dados e assim sucessivamente. Para esse estudo, estimou-se um quantitativo de 9 indivíduos. Tomou-se como base o estudo desenvolvido por Oliveira *et al.* (2021), cujo público-alvo faz parte da comunidade LGBTQIAPN+ e também foi utilizada a técnica bola de neve.

#### **4.6 Análise e interpretação dos dados**

Os dados coletados pelas entrevistas foram transcritos utilizando-se do programa *Google Docs* do *Google*, e posteriormente submetidos à análise lexicográfica do *software* IRAMUTEQ, versão 0.7 *alpha* 2. Este consiste num *Software de Análise de Dados Qualitativos Assistidos por Computador* (CAQDAS), cuja aplicação está no processamento de dados de pesquisas qualitativas e quanti-qualitativas. Um dos aspectos positivos em sua utilização é a economia de tempo para o pesquisador, permitindo-o focar na análise e discussão dos resultados da pesquisa (Canuto *et al.*, 2020). O IRAMUTEQ é um programa gratuito de acesso aberto (*open source*) com ferramentas baseadas na lexicometria e sua aplicabilidade é vantajosa quando se deseja explorar hipótese acerca de como o uso da linguagem produz significações e como o vocabulário se distribui ao longo do texto ou conjunto de textos em questão (Sousa, 2020). Contudo, é necessário atentar-se ao fato de que os CAQDAS não consistem em métodos de pesquisa, apenas ferramentas atuantes na facilitação do processamento de dados. A exploração, busca e associação de seus resultados com o objeto de estudo está sob a responsabilidade do pesquisador (Canuto *et al.*, 2020).

O IRAMUTEQ apresenta várias ferramentas para análise de um mesmo texto ou *corpus*. Dentre essas modalidades, a utilizada para este estudo foi a Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Segundo Sousa (2020, p. 11), “a CHD pode ser descrita como uma análise de agrupamentos (*clusters*) em que os segmentos de texto de um *corpus* são sucessivamente particionados em função da coocorrência de formas lexicais”. Esse formato proporciona a criação de classes contendo vocábulos semelhantes entre si e discrepantes de outras classes (Martins; Gomes; Paula, 2022).

Após a realização da CHD, os dados foram analisados de acordo com o método proposto por Yin (2016) para a análise de dados qualitativos, que se divide em cinco etapas. Os dados coletados, primeiramente, foram compilados de forma a possuírem uma ordem, caracterizando-os como uma base de dados. A segunda etapa consistiu na decomposição dos dados em fragmentos e elementos menores, os quais foram denominados com códigos. A terceira etapa foi a recomposição, fase na qual os fragmentos menores foram reagrupados em categorias temáticas a partir dos seus códigos, geralmente configurando uma ordenação distinta dos dados iniciais. Para a realização das três primeiras etapas do método, o pesquisador contou com o auxílio do processamento de dados realizado pelo IRAMUTEQ. A quarta etapa foi a interpretação dos dados, momento em que os dados recompostos foram utilizados para se criar novas narrativas que se tornarão parte da análise. A quinta e última etapa foi a conclusão, cujo conteúdo adveio da interpretação dos dados e demais etapas do ciclo (Hennink; Kaiser; Marconi, 2016; Yin, 2016).

#### **4.7 Aspectos éticos**

O projeto foi construído e executado com base nas exigências e recomendações do Conselho Nacional de Saúde, em especial pela Resolução 510/2016 e do Ofício Circular no. 02/21 (Brasil, 2016; 2021). Os pesquisadores assumiram a responsabilidade quanto ao uso apropriado dos dados, apenas para estudo e publicação, resguardando os princípios de confidencialidade, privacidade e proteção da imagem das pessoas envolvidas na pesquisa. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob parecer nº 6.064.262 e CAAE nº 68785723.3.0000.5208.

## 5 RESULTADOS

Foram entrevistados 14 indivíduos autodeclarados bissexuais acerca da temática saúde mental e bissexualidade. A amostra foi composta por 10 mulheres cis<sup>4</sup>, 3 homens cis e 1 pessoa não-binária<sup>5</sup>. A faixa etária dos entrevistados foi majoritariamente entre 18 e 24 anos (8), seguidos de indivíduos entre 25 e 30 anos (6). Mais da metade da amostra foi composta por pessoas brancas (9), seguidas de pardas (3) e pretas (2). A distribuição de participantes pela RMR está ilustrada pela Figura 2. Os participantes residiam em sua maioria em Recife (7), mas moradores de outras cidades da RMR também foram contemplados, como Paulista (3), Abreu e Lima (2), Olinda (1) e São Lourenço da Mata (1). Em sua maioria, a escolaridade dos entrevistados foi ensino superior incompleto (10), seguido de ensino superior completo (3) e ensino médio completo (1).

Para atestar a saturação de códigos, utilizou-se concomitantemente os métodos propostos por Fontanella *et al.* (2011) e Guest, Namey e Chen (2020). Conforme o método proposto por Fontanella *et al.* (2011), o Quadro 1 apresenta o tabelamento das temáticas emergidas durante as entrevistas. As cores de cada temática correspondem ao participante bissexual, estes representados pela letra “B” e a numeração da entrevista, que as abordou primeiramente em seu discurso. Sendo assim, é possível notar que a partir da décima primeira entrevista (B11), não há elementos novos no discurso dos participantes acerca da saúde mental de bissexuais. Nesse momento, constatou-se a saturação da amostra. Contudo, optou-se pela realização de até 14 entrevistas para verificar se novas informações surgiram.

De acordo com o referencial teórico de Guest, Namey e Chen (2020), atinge-se a saturação quando a proporção de informações novas resulta em menor ou igual a 5% ou quando nenhuma informação nova (0%) é adicionada. Utilizou-se o somatório dos temas elencados pelas quatro primeiras entrevistas como o *base size*. Para a *run length*, estabeleceu-se o cálculo da razão a cada duas novas entrevistas. A partir disso, a saturação de códigos foi atingida com 12 entrevistas, através do conceito de *new information threshold*, visto que o cálculo da proporção resultou em 2%, conforme esquematizado no Quadro 2.

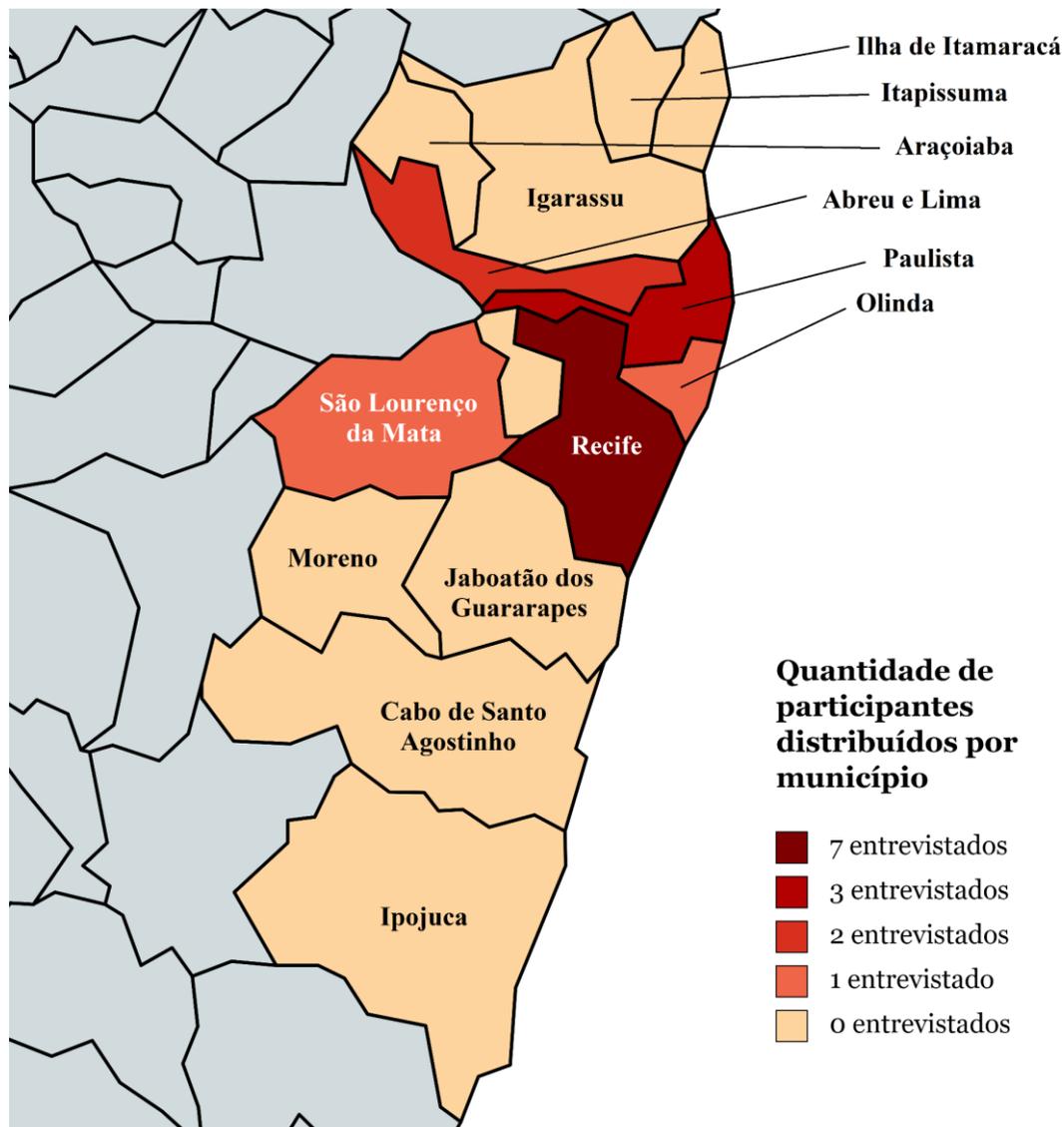
---

<sup>4</sup> Segundo Ciasca, Hercowitz e Júnior (2021), o termo “cis” refere-se a cisgênero e engloba aquelas pessoas que se identificam com o gênero designado ao nascimento. Um exemplo prático consiste na criança que foi designada como menino ao nascer e percebe-se e identifica-se como menino/homem.

<sup>5</sup> Segundo Battaglia *et al.* (2021), pessoas não-binária são aquelas que não se identificam no binômio homem-mulher. Essas pessoas podem se descrever como nem homem nem mulher, situar-se entre os dois, apresentarem um gênero terceiro, entre outros.

Acerca do *corpus* textual deste estudo, este foi composto por 14 textos, submetidos à análise lexicográfica pelo método CHD do *software* IRAMUTEQ, sendo dividido em 570 segmentos de texto. A CHD obteve um total de 76,14% do total de segmentos de texto, totalizando 434 segmentos aproveitados e gerou três classes, conforme ilustra a Figura 3. A nomeação das classes buscou evitar a substantivação das mesmas. Optou-se pelo uso de verbos tanto para evitar uma possível tendência à universalização das experiências contidas no *corpus* textual, mas também como forma de ressaltar que os processos sociais que fomentam vários aspectos da vivência bissexual operam de maneira dinâmica. As nomenclaturas resultantes buscam sinalizar como esses processos se encontram no contexto da pesquisa, não como eles são em sua totalidade.

**Figura 2.** Distribuição de participantes do estudo por município da RMR. Recife-PE, 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

**Quadro 1.** Tabela de saturação de dados por temas abordados. Recife-PE, 2023.

Temáticas abordadas pelos participantes		B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	B13	B14
1	Saúde mental como bem-estar geral	X											X		
2	Saúde mental como produto do contexto	X		X				X	X	X					
3	Saúde mental equilibrada	X				X	X					X	X		
4	Medo do julgamento alheio	X			X			X							X
5	Ocultação da bissexualidade	X				X	X	X			X				
6	Sensação de falta de liberdade/Opressão	X		X			X	X			X				
7	Bissexualidade no âmbito acadêmico	X								X				X	
8	Sustentabilidade à violência	X	X							X	X	X	X	X	
9	Machismo/Sexismo	X	X		X	X				X					
10	Adoecimento mental	X	X						X			X			X
11	Recursos para melhorar a saúde mental	X	X	X		X			X		X	X	X	X	X
12	Apagamento/Invisibilização da bissexualidade	X		X			X			X				X	

13	Crise de identidade	X			X			X		X		X		X	
14	Invalidação da bissexualidade	X			X		X			X		X			
15	Representatividade bissexual	X		X										X	
16	Importância da saúde mental		X												X
17	Saúde mental razoável		X						X						
18	Progressão da saúde mental		X	X						X					
19	Retirada do "armário"		X												
20	Rejeição externa/Preconceito		X		X					X	X		X	X	
21	Ciclo de amizades		X	X		X		X	X				X	X	
22	Bissexualidade no âmbito do trabalho		X	X		X	X	X			X	X	X	X	X
23	Expectativa de rejeição		X	X	X					X	X			X	
24	Espiritualidade		X			X				X					
25	Relações familiares e bissexualidade		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
26	Desvalorização no ambiente de trabalho		X			X					X				

27	Rede de apoio		X						X						X
28	Saúde mental abalada			X											
29	Passabilidade			X		X						X			
30	Binegatividade internalizada			X						X	X			X	X
31	Estigmatização pela comunidade LGBTQIAPN+			X		X						X			X
32	Estigmatização dupla			X								X		X	
33	Saúde mental oriunda do autoconhecimento				X							X		X	
34	Boa saúde mental				X							X	X	X	
35	Processo de autodescoberta tranquilo				X										
36	Promiscuidade atrelada à bissexualidade				X			X					X		
37	Infidelidade atrelada à bissexualidade				X			X					X		X
38	Objetificação de pessoas bissexuais				X										
39	Autoafirmação/Autoaceitação de identidade				X					X				X	

40	Expressão de gênero				X		X			X					
41	Saúde mental ruim					X		X							
42	Espaços LGBTQIAPN+					X									
43	Arte como terapêutica para a saúde mental					X	X			X					
44	Importância de pesquisas na área da bissexualidade					X									
45	Episódios de violência					X		X		X				X	
46	Saúde mental instável						X								
47	Bissexualidade como agravante de conflitos						X		X						
48	Álcool como escape							X							
49	Enfrentamento do preconceito							X		X				X	
50	Bissexualidade nos relacionamentos amorosos e afetivos								X	X	X	X	X		X
51	Espaços afirmativos								X						X
52	Saúde mental crítica									X					

53	Boa autoidentificação com a bissexualidade									X	X				X
54	Esporte como terapêutica para saúde mental									X	X				X
55	Articulação comunitária									X	X				
56	Tentativa de suicídio											X			

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

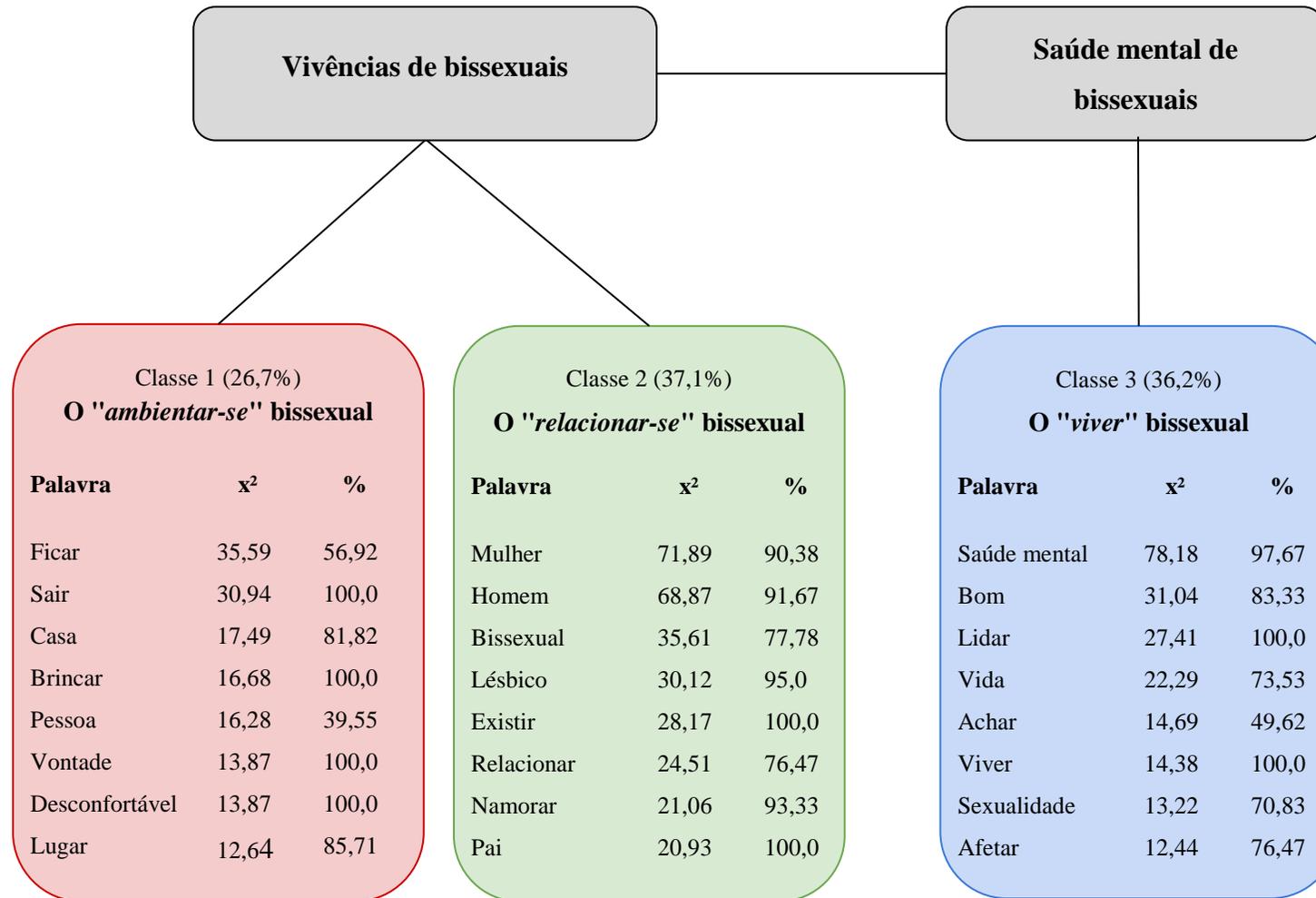
**Quadro 2.** Acompanhamento da saturação de dados. Recife-PE, 2023.

Nº DA ENTREVISTA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Novos temas por entrevista	15	12	5	8	5	2	2	2	4	0	1	0	0	0
Novos temas por <i>run length</i>				40		7		4		4		1		0
% de saturação de dados						17%		10%		10%		2%		0%

LEGENDA
<i>Base size</i>
<i>Run length</i>
<i>New information threshold</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

**Figura 3.** Dendograma com repartições e classes nomeadas a partir do *corpus* textual. Recife-PE, 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

## 5.1 O “*ambientar-se*” bissexual

A classe em questão representou 26,7% do *corpus* textual analisado e engloba discursos acerca de como é ocupar certos ambientes enquanto pessoa bissexual, como existe um esforço dispendido internamente para lidar com as situações e as emoções em função disso e como surgem alguns movimentos para existir e se adaptar a esses espaços. Aqui serão descritas experiências em ambientes, com enfoque no âmbito profissional, violentos e afirmativos, bem como suas consequências para os participantes.

No que tange a vida profissional e seus espaços de trabalho, os bissexuais do estudo discorreram sobre a binegatividade incrustada nos ambientes profissionais e o que esse processo produz emocionalmente:

*[...] o ponto do trabalho é complicado. [...] não me sinto à vontade. Em relação a esse assunto. Com as pessoas. Porque até mesmo quem é mais tranquilo, mente aberta com isso, a maioria das pessoas sempre faz uma brincadeira meio... E não bate legal quando você escuta. [...] Algumas pessoas tem aquele discurso “tenho até amigos gays”, enfim... É um assunto mais delicado no trabalho. (B10)*

*[...] infelizmente, o que não era pra acontecer porque ali é um local de trabalho, então era pra se falar só sobre aquela questão. Mas aí vez ou outra alguém dá uma opinião que não deveria, ou tem alguma fala preconceituosa. E eu no meu local de trabalho... tô fazendo ali pra ganhar o meu pão de cada dia, né, como todo mundo. Às vezes... tenho que recuar, sabe? Vou ficar calada. (B2)*

*Normalmente quando eu admito ou falo que eu sou, o pessoal fica paradinho assim “Ah...” ou “Total!” sabe? Comentários breves que nunca avançam pra algum outro nível que possa fazer eu me sentir de outra forma. Mas aí justamente por comentários que eu escuto e por saber como eles se posicionam contra isso, eu me sinto vulnerável. (B10)*

*Eu me sinto muito desconfortável quando estou com profissionais que também são mulheres e elas ficam sabendo que eu sou bissexual. [...] elas mudam completamente, como se eu fosse dar em cima [...] Mudam completamente a postura com você. (B5)*

*Tem dias que são mais difíceis pra mim do que outros, sabe? Porque depende muito de como a pessoa tá naquele dia. Depende muito da fragilidade, de como aquilo vai atingir. (B2)*

As sensações de desconforto nas falas acima dos participantes decorrem de ambientes de trabalho onde a diversidade não é incorporada em sua construção. Essa estrutura também gera movimentos de aproximação e distanciamento. Na parte responsável pelos bissexuais frente a essa movimentação, nota-se um afastamento visando autopreservação e uma aproximação quando se trabalha junto com alguém da comunidade LGBTQIAPN+:

*[...] sempre mantive uma posição muito profissional. Assim, eu me envolvia com o pessoal, conversava, participava dos lanches e das cotinhas e tal. Mas nunca me envolvia pessoalmente, sabe? De fazer amizade ou de me abrir e dizer que eu sou bissexual. (B11)*

*Sabe aquela sinergia? Que o LGBT reconhece o outro LGBT? Pronto. [...] eu pensei: “Massa! Com essa pessoa eu consigo ter uma conversa assim, sabe?” E aí a gente conversou e tal... [...] A gente trocou figurinhas com relação a isso. (B11)*

Em contrapartida, os participantes cujo ambiente de trabalho contém uma quantidade maior de LGBTQIAPN+ empregados trouxeram uma perspectiva mais tranquila em relação a conviver nesse espaço, ainda que com breves ressalvas:

*[...] no meu ambiente de trabalho todos os meus amigos são LGBT, sabe? Eu dei a sorte de ter sido acolhida nesses locais, assim, importantes da minha vida [...] (B13)*

*A gente conversa sobre isso. As pessoas brincam sobre isso lá. Não é uma pauta diária. [...] Da mesma forma que você pode falar que é uma pessoa casada, e você não vai tornar aquilo como a pauta da sua semana. Uma coisa bem natural [...] (B12)*

*Acho que trabalho nem tanto, porque tipo a minha área não é o tipo de área que você passa por esse tipo de coisa. É uma área que a galera já se acostumou com isso, basicamente. Pelo menos com LGBTs. Não que seja perfeito. Mas... é isso, assim. (B3)*

Entretanto, mesmo com colegas de trabalho que façam parte dessa comunidade, ainda há uma necessidade de ocultação e cautela acerca da própria identidade. Isso é exemplificado pelo trecho a seguir:

*Às vezes uma amiga LGBT comentava algo perto sobre eu ser bi ou “frango”, porque a gente brinca né. E eu ficava com muito receio porque tinham pessoas [...] por perto. E aí eu cheguei não a brigar, mas a pedir pra minha amiga não comentar perto das pessoas que não são da nossa bolha. (B10)*

Apesar de existir um fortalecimento entre colegas de trabalho que partilham alguns dos efeitos de uma marginalização social, os participantes apresentam um senso de autopreservação não pelo nível de trabalho desempenhado, mas por serem quem são. Ademais, existe uma certa invalidação na capacidade profissional ao se assumir bissexual:

*E também eles acabam meio que... eu não sei porquê. Meio que invalidam a capacidade da pessoa. Antes, a pessoa era bem massa em relação ao profissional. Mas quando descobrem isso, duvidam da capacidade profissional. (B5)*

Frente a essa conjuntura da construção do ambiente profissional, a conduta de alguns participantes foi justamente a ocultação da bissexualidade como autopreservação:

*[...] em alguns âmbitos profissionais eu não falo a minha orientação sexual. (B5)*

*[...] eu tinha medo de dizer que eu era bissexual. Trabalhei nove meses lá. (B7)*

Alguns participantes ainda relatam a importância de constatar uma segurança no local para que possam dizer quem são. Sendo assim, analisam o ambiente para decidir se vão compartilhar sua identidade ou não:

*[...] você se sentir confortável e seguro, em determinado ambiente. [...] Fui conversando com as pessoas com quem eu trabalho, me sentindo confortável e aí eu falei. Tive de ter certeza de que eu estaria segura, sabe? Pra eu não ter nenhum tipo de estresse nem desentendimento no trabalho. (B14)*

Contudo, apesar de apresentar uma importância ímpar nos discursos dos participantes, o trabalho não é o único âmbito constituinte da rotina. Em relação aos ambientes públicos, estruturados para lazer e socialização, as experiências relatadas pelos participantes abordaram as sensações oriundas de estar em lugares inclusivos ou não. As narrativas pautam sobre o risco de sofrer violência. Para além disso, também trouxeram desejos relacionados a vivenciar o lazer, conforme os trechos a seguir:

*Os lugares também que eu frequento, em geral tem alguns que são LGBTs, eu me sinto menos vulnerável a esses tipos de agressões. Mas quando eu vou pra outros ambientes que são bem heteronormativos, tipo barzinhos e tal, que eu também gosto de frequentar. Eu já não me sinto à vontade pra ficar, ou pra demonstrar. Mais em relação a minha parceria e tal. (B5)*

*Mas a partir do momento que, digamos, eu tô num ambiente social. E aí eu vou ficar com uma menina [...] Com uma outra mulher, num ambiente público. Num barzinho, num rolê, nas ladeiras de Olinda. [...] Ali eu tô correndo um risco a mais, um risco maior de sofrer violência [...] (B11)*

*[...] eu não me sinto livre, naquela liberdade plena de ser quem eu sou ainda. [...] de certa forma você acaba se controlando e isso não faz bem. (B1)*

*Eu tô me privando da minha liberdade de fazer o que eu quero, de poder agir da forma que eu me sinto à vontade. Quando eu tô feliz, querendo demonstrar o meu amor. Quero demonstrar carícias, quero... ficar tranquila num lugar que eu vou pra um lazer e tudo. E aí eu me sinto privada de fazer isso. Então é bem ruim, você fica se sentindo mal. É... péssimo. (B5)*

Com relação ao grau de interferência da suscetibilidade à violência na rotina, as respostas apresentaram diversidade. Entretanto, mesmo que o impacto seja diferente em intensidade, os participantes se mostram afetados pelo risco:

*[...] eu não vou deixar de sair, mas também eu não vou deixar de pensar, entendeu? Tipo, é algo que fica na sua cabeça. (B1)*

*E aí a gente fica com aquele receio, de sofrer alguma coisa na rua e tal... No início a gente ficou com aquele medo, porque a gente recebe aqueles olhares. Querendo ou não, a gente recebe. No ônibus mesmo, eu estava de mãos dadas com minha namorada e um idoso ficou encarando a gente. Ele não parava de encarar a gente. Tava lá encarando constantemente. E a gente fica constrangida. [...] eu sempre fico em alerta em relação a isso. Porque a gente sabe o mundo em que vivemos. É bem pesado e é bem grotesco. Fico com esse medo. É muito ruim. (B9)*

*E isso me custou várias vezes dias sem trabalhar, por medo de sair de casa, de ter que enfrentar as pessoas, sabe? É... os olhares. [...] é mais um sentimento de angústia mesmo [...] violência, a gente sabe que tem, a gente vê todos os dias no jornal, na internet [...] a gente fica naquela angústia sem saber o que fazer pra tentar melhorar. De mãos atadas sempre. (B2)*

Paralelamente, há uma noção de passabilidade cisheteronormativa de alguns participantes. Essa característica traz ao bissexual uma viabilidade no trânsito entre os espaços sem as situações escalarem para uma agressão física, mas não o imuniza de outras violências:

*Pode ser que várias vezes eu sofra menos, por causa da minha aparência. E aí isso faz com que eu me “camufle”. Consiga não passar por certas situações. (B5)*

*[...] ainda meio que existe uma, pra mim pelo menos, existe uma espécie de... passabilidade. (B3)*

*Simplesmente deixo, porque minha aparência é tida como padrão cis e hétero. Então eles assumem que eu sou [heterossexual] e nunca me perguntam. E aí eu ouço piadinhas e tudo... e simplesmente fico calada. (B5)*

Por meio dos relatos contidos nessa classe, percebem-se as dificuldades enfrentadas por bissexuais ao estarem em espaços fomentados pela binegatividade. Isso revela os desafios vivenciados por esses indivíduos em sua rotina, sujeitos à violência, invalidação e discriminação. Além disso, também demonstram os recursos internos para se proteger e enfrentar as situações, ainda que custe o exercício de sua própria identidade.

## 5.2 O “relacionar-se” bissexual

Esta constitui a classe mais representativa do *corpus* textual analisado com 37,1% e discorre sobre os processos vivenciados pelos bissexuais entrevistados numa perspectiva mais relacional e interacional. Dentro desse campo são abordadas não somente relações amorosas, familiares, afetivas, sexuais e comunitárias, mas principalmente as reverberações dos processos sociais vivenciados por bissexuais na construção e no funcionamento desses relacionamentos.

A partir das narrativas dos entrevistados, nota-se que os impactos causados nas relações apresentam um teor de invalidação e apagamento da identidade bissexual. Nesse sentido, as vivências descritas a seguir exemplificam esses efeitos:

*[...] uma coisa que eu penso muito [...] é do quanto tentam apagar, né. Essa questão do ser bissexual. É como se de fato a gente não existisse, que não fosse válido, sabe? (B1)*

*Você vê pessoas invisibilizando: “Ah, escolhe um lado!” ou “Ah, isso é coisa de indeciso” ou “Ah, bissexualidade nem existe! Isso aí é promiscuidade! Pessoal quer pegar todo mundo e não dar um nome.” (B13)*

*[...] eu tava numa festa de São João, comentei a foto de um amigo da minha prima e ela “Oxe, mas tu não é sapatão?” e eu disse “Não, eu sou bissexual. Tem uma diferença muito grande em você ser lésbica e você ser bissexual. Eu gosto dos dois”. E aí ela disse: “Ah tá, é porque tu tá namorando uma menina.” E eu fiz: “Sim, mas eu já namorei meninos. E isso não interfere em nada. Eu estar namorando uma menina não significa que eu também possa namorar meninos”. (B9)*

*Eu já ouvi de uma colega lésbica que eu não era bi porque eu só assumi relacionamento com homens. E realmente, eu só tive dois relacionamentos sérios na minha vida. E os dois relacionamentos foram com homens. E aí eu ouvi isso dela. Que eu não era bissexual de verdade, que eu só beijava menina em festinha. (B11)*

*Porque a bissexualidade, ela é uma sexualidade que precisa ser dita. (B13)*

Percebe-se, portanto, que considerar a possibilidade de alguém ser bissexual não parece emergir no imaginário social das pessoas. E quando uma pessoa se assume como bissexual, sua

sexualidade é questionada e invalidada através de estereótipos, carregados de binegatividade e socialmente difundidos. Essa dinâmica se alastra para as diversas modalidades de relações, como as amorosas, afetivas e sexuais:

*Quando a pessoa é tida mais como lésbica ou gay, mais voltada para um gênero só, são mais legitimados do que quando a gente é bissexual. E isso pode atrapalhar um pouco nos relacionamentos amorosos. (B5)*

*[...] as pessoas romantizam, acham que é um glamour: “ai, sou bissexual, pego geral, fico com todo mundo”. Não existe isso, sabe? [...] Então, não é tipo assim: fui pra uma balada, olhei pra pessoa e fiquei com a pessoa. Isso não acontece, nem com homem nem com mulher. (B4)*

A estereotipação, por sua vez, influencia no julgamento individual acerca de construir ou não um relacionamento com uma pessoa bissexual. Concepções equivocadas acerca de fidelidade e promiscuidade terminam por minar o envolvimento entre bissexuais e outras pessoas, conforme os trechos a seguir demonstram:

*Quando eu falei que eu era bissexual, a pessoa simplesmente tipo “Ah não! Mas aí tu vai me trair! Tu vai poder me trair com homem, vai poder me trair com mulher”. E eu fiquei tipo “Gente do céu, que nada a ver”. (B14)*

*Já ouvi até pessoas falando assim: “eu teria medo de me relacionar com uma pessoa bissexual porque seriam mais opções pra trair”. E eu fiquei tipo: “o que uma coisa tem a ver com a outra?” Isso não existe, sabe? (B4)*

Ainda que a pessoa bissexual esteja dentro de um relacionamento amoroso, ela está sujeita à invalidação e ao apagamento:

*Eu sou uma mulher bissexual e estou namorando um homem. Mas as pessoas vão e fazem uma piadinha tipo “Ah, que bissexual nada! Tu é hétero!” Sabe? Tipo... tem gente que não sabe toda a trajetória que eu tive pra me entender hoje em dia. (B13)*

*Já sofri preconceito em relação a me relacionar com homens e quando eles sabem que sou bissexual, rolar aquele entrave. Eu já ouvi um amigo do meu ex-namorado dizendo que eu ia trair ele, que eu ia trair ele com uma mulher porque eu sou bissexual. (B7)*

*Tem um casal de amigas minhas que são bissexuais e namoram. E basicamente vêem as duas como um casal lésbico, sabe? Eu acho que isso deveria ser falado mais. [...] E às vezes essas brincadeirinhas assim, também acabam machucando. [...] estão falando de uma vivência que eles não têm ideia do que é, sabe? (B13)*

Devido ao contexto de constante invalidação e discriminação, alguns bissexuais começam a antecipar a rejeição oriunda da binegatividade e descartar o envolvimento com outras pessoas:

*[...] muitas vezes eu me afasto da pessoa. Porque a gente já sabe que aquela pessoa ali não vai querer entender, querer abrir a mente pra entender ou algo do tipo. [...] eu prefiro mil vezes, assim, não bater de frente. (B9)*

*[...] eu sempre deixo muito claro, quando vou me relacionar com alguém. É sobre essa questão. Eu gosto de falar abertamente, até porque se a pessoa me mostrar algum tipo de rejeição, preconceito, eu já caio fora. (B2)*

Vale ressaltar que uma diferenciação discursiva se apresentou entre as mulheres cis e os homens cis bissexuais da amostra. Apesar de ambos discorrerem experiências de estigmatização decorrentes da negatividade em suas relações, os entrevistados reconhecem diferentes processos e manifestações sociais envolvidos no ato de se envolver com outra pessoa. Ao falar sobre suas vivências, as mulheres cis bissexuais também trouxeram pontos acerca do machismo e sexismo estruturantes da sociedade:

*[...] os homens, eles têm muito [...] esse fetiche sexual em mulher. Então, assim, pro homem eu percebo que não é tanto um problema a mulher ser bi. (B4)*

*[...] é como se você fosse um pedaço de carne [...] pelo fato de eu ser bissexual, eu recebo muita proposta pra fazer menage. As pessoas olham e pensam assim: “ah ela gosta de*

*homem e mulher, vamos chamar ela pra fazer menage”. E não é tipo, uma proposta. São várias. Eu já recebi várias. E isso me incomoda. (B4)*

*[...] se eu tiver me relacionando com um homem hétero e surgir esse assunto. Eu posso ser alvo de alguma violência, sabe? (B1)*

*[...] muitas vezes eu me sinto insegura de chegar e conversar com um homem. Ter um relacionamento. Porque muitos não entendem. [...] eu me sinto mais insegura em me relacionar com um homem do que com uma mulher. (B9)*

*Eu sinto medo [...] tanto por ser mulher, eu fico com medo de em algumas situações sofrer algo, quanto por ser bissexual. (B5)*

*[...] eu sou uma mulher cis, que performo feminilidade. Se você não me conhece, você vai pressupor que eu sou uma mulher cishétero. Então, nesse sentido eu sinto que eu não corro mais risco do que uma mulher cishétero de sofrer violência. [...] (B11)*

*[...] eu acho que pra mulher que as pessoas colocam como “mais feminina”, tem coisas mais tranquilas do que pra mulher que, por exemplo, se identifica como “mais masculina”. Tem muitas nuances aí que tem de ser exploradas. (B4)*

*Porque, querendo ou não, as pessoas quando veem a gente se relacionando, namorando com uma mulher, algo do tipo, acham que você não tem a capacidade de se relacionar com um homem. Muitas vezes eles mesmo fazem isso. Das poucas vezes que eu me relacionei com um homem, sempre teve aquele “ah, você tem todo um jeito masculino” ou “ah, como é que os homens conseguem te olhar dessa forma e tal”. (B9)*

Através dessas colocações, capta-se uma noção de fetichização e objetificação da mulher bissexual. Aparentemente, há uma aceitação em virtude da satisfação do imaginário sexual do homem heterossexual. Além disso, alguns trechos demonstram uma variabilidade nas experiências de mulheres bissexuais a depender de como essas expressam seu gênero. Quanto mais feminina, e conseqüentemente cisheteronormativa, mais aceita.

Com relação aos homens cis bissexuais, estes discorrem não apenas sobre experiências acerca de invalidação e apagamento da bissexualidade, mas também a estereotipação do homem

bissexual e seus impactos no ato de se relacionar. Ademais, alguns também pontuam sobre a invisibilização da bissexualidade a depender da própria expressão de gênero, conforme as falas abaixo:

*Ter relacionamentos com mulheres é mais difícil, porque o ideal do homem bissexual é muito ruim. [...] o homem tá ligado a promiscuidade, traição. E aí você pensa que o homem vai trair com outro homem, o que não faz muito sentido. Isso faz parte do ideal das mulheres que eu conheci. Então minha autoestima com as mulheres é bem reduzida. Já com os homens, é uma coisa mais tranquila.[...] quando vai pro patamar de pensar num relacionamento, eu sou mais cauteloso com as mulheres do que com os homens. [...] Tem casos de violência durante o período que estamos nos conhecendo, né. São frases muito absurdas e comportamentos muito absurdos só pelo fato de que “Ah, não vou me relacionar com um homem bissexual”.* (B12)

*[...] desde criança, sempre tiravam onda comigo, faziam bullying comigo na escola por eu ser gay. Por mais que eu namorasse com meninas. E aí eu ficava: “claramente eu não sou gay, eu namoro com meninas”. [...] Então por muito tempo levantaram eu ser gay, né. Mas depois de um tempo, eu comecei a ouvir falar sobre a bissexualidade.* (B10)

*[...] por eu ter me assumido gay, as pessoas me veem como gay, entendeu? E aí acaba que me invisibiliza um pouco. As pessoas não conseguem enxergar uma bissexualidade em mim. E isso também vai pra um lado de amizades, sabe? [...] acaba que as pessoas não validam isso, sabe? Não dão valor à bissexualidade. Principalmente pra mim, assim. Enquanto uma pessoa que se assumiu um homem gay muito cedo. Existe um certo apagamento [...] E também por eu ser afeminado, acaba influenciando [...]* (B6)

Alguns participantes também falaram um pouco sobre a própria percepção acerca da invisibilização da bissexualidade em si, seja dentro ou fora da comunidade LGBTQIAPN+, e como esse processo reverbera internamente. As colocações abordam um pouco sobre o isolamento gerado por esse processo, bem como o acúmulo de microagressões diárias que dificultam a articulação de bissexuais com a comunidade a qual, supostamente, devia os acolher e os representar:

*[...] faz você se sentir mais sozinho. É, eu acho que sozinho é a palavra. [...] isso é uma coisa específica de bi, que é ser estigmatizado dos dois lados [...] Porque dentro da própria comunidade LGBT você pode ser negado, sabe? E ser ignorado, basicamente. E dentro do mundo hétero também [...] por quê é tão difícil para os dois lados, sabe? Principalmente pra o lado LGBT da coisa, assim. Por quê é tão difícil aceitar que isso não é uma sexualidade restrita como, por exemplo, ser gay ou ser lésbica? (B3)*

*[...] isso se caracteriza mais como microagressões, sabe? Não é aquele alarde todo [...] eu posso ser bissexual mas eu posso andar na rua [...] E eu acho que tipo... Por mais que a gente sofra menos essa questão das agressões verbais, pela expressão da nossa identidade em roupas e jeitos, eu acho que acaba sendo um acúmulo de microagressões no dia a dia, sabe? (B13)*

Outro aspecto importante são os relacionamentos familiares e suas dinâmicas as quais a pessoa bissexual está inserida, seja assumidamente ou não. No que concerne essas relações, houveram experiências diversas descritas pelos entrevistados. Desde o acolhimento inicial à falta de rede de apoio, conforme os trechos a seguir:

*Até que um certo dia eu decidi falar, né. Comecei a namorar com uma menina e decidi dizer a eles. Só que foi muito tranquilo pra mim. [...] fui bem privilegiada porque meus pais foram tranquilos, minha família inteira foi bem receptiva [...] E eu nunca tive na minha casa nenhum tipo de preconceito, sabe? (B7)*

*Minha família sempre foi muito de boa em questão de todos os meus amigos serem LGBTs. Mas quando foi comigo, foi algo completamente diferente pra todo mundo me aceitar [...] Então eu acho que da parte da minha mãe, eles demoraram um pouquinho mas me aceitaram. Na parte do meu pai, todos eles mudaram comigo depois de eu ter me assumido bissexual e principalmente namorar uma mulher. (B5)*

*[...] eu tenho uma família extremamente homofóbica, dos dois lados. Uma um pouco mais radical e outra mais por religião só. Mas de qualquer jeito é uma coisa que eu cresci ouvindo [...] e isso faz eu me sentir mais fechado. (B10)*

*No início, a família foi um pouco complicada. Mas depois de um tempo, a gente lidou bem com isso. (B12)*

*Pra mim é um pouco difícil ainda, porque mesmo sabendo que eu sou, eu sei que nunca vou falar isso pra minha família. (B10)*

Contudo, algumas vivências demonstram um movimento específico de apagamento da bissexualidade por parte de familiares, de maneira que a aprovação existe quando um relacionamento amoroso é concebido nos conformes heteronormativos. Em outras palavras, existe uma aceitação parcial destinada apenas às relações que a família interpreta como heterossexual:

*Minha família aceita se eu namorar um cara [...] Eu vou ter essa aceitação. Mas, ao mesmo tempo... eu sei tudo o que vai acontecer se eu namorar com uma menina, sabe? (B3)*

*Na minha família [...] algumas pessoas sabem. Outras pessoas sabem e fingem que não sabem. Tipo os meus pais. Sabem, mas fingem que não sabem. [...] chega a ser confortável pra eles porque eu nunca assumi um relacionamento com uma mulher [...] então pra eles é fácil fingir que eu sou hétero e que eles não sabem. (B11)*

Há uma complexidade nas relações entre bissexuais e seus respectivos familiares contida nas interações de aspectos como acolhimento, apoio, suporte, rejeição, preconceito, invalidação, discriminação e violência. Essa rede produz conformações relacionais múltiplas e, consequentemente, também gera diversas sensações e limitações no indivíduo bissexual. Através das passagens abaixo, é possível compreender que as relações familiares possuem um impacto substancial no surgimento do sofrimento mental:

*[...] essa visão deles me quebra um pouco. Porque são pessoas que eu amo muito, mas que talvez se soubessem esse lado não me amariam feito eu amo eles. (B10)*

*[...] acho que tipo, você meio que aprende a viver com certas limitações de ambiente, de relações com a sua própria família. (B3)*

*[...] sempre vai faltar alguma coisa ali porque a gente sempre espera algo a mais dos pais, né. Acho que isso acontece com todo mundo [...] Quando não se tem esse apoio, mesmo que tenha de outras pessoas, ainda fica alguma coisa faltando. Mas é algo que dá pra gente ir levando, entendeu? (B2)*

*[...] uma mistura de frustração e agonia, assim. Porque eu fico pensando “poxa, se eu tivesse tido uma família mais receptiva, o que eu poderia ter sido?” [...] E ao mesmo tempo você não consegue às vezes se livrar dessa expectativa, por mais que você já não dependa dessa aprovação. Isso continua vindo na cabeça [...] (B3)*

Outro aspecto foi relacionado à rejeição externa. Independentemente do tipo de relação, alguns discursos trouxeram um certo receio de ser rejeitado ao assumir a própria bissexualidade para outras pessoas:

*Pra mim é um pouco difícil ainda, porque mesmo sabendo que eu sou, eu sei que nunca vou falar isso pra minha família. [...] Adoraria me sentir à vontade pra comentar isso abertamente, em alguma oportunidade. Mas não me sinto, e acho que nunca vai mudar esse cenário. Então meio que me deixa mal. (B10)*

*[...] eu sempre deixo muito claro, quando vou me relacionar com alguém. É sobre essa questão. Eu gosto de falar abertamente, até porque se a pessoa me mostrar algum tipo de rejeição, preconceito, eu já caio fora. (B2)*

Através da gama de experiências compartilhadas sobre o “relacionar-se” bissexual, elucidam-se a miscelânea de processos sociais que influenciam o ato de se relacionar não somente de bissexuais com os demais, mas principalmente o inverso: as pessoas operando por meio de um escopo calcado na binegatividade e as consequentes dinâmicas relacionais da vida de bissexuais.

### **5.3 O “viver” bissexual**

A última classe representou 36,2% do *corpus* textual e aborda as definições de saúde mental compartilhadas pelos participantes, os desfechos em saúde mental e os recursos utilizados para mitigar agravos e viver bem. Além disso, também agrupa algumas falas acerca

dos impactos na identidade bissexual oriundos do contexto social dos entrevistados. E consequentemente, as repercussões em saúde mental.

Ao definir saúde mental, alguns bissexuais do estudo demonstraram ciência da complexidade envolvida na temática. As percepções verbalizadas mencionaram a interferência dos diversos elementos contextuais da vida que influenciam a saúde mental:

*[...] acho que saúde mental é o bem-estar, né, que envolve [...] acredito que boa parte da sua vida. No contexto em que você tá inserido, eu acho que a questão cultural, socioeconômica. Tudo isso faz parte da sua saúde mental. Porque de certa forma tem um impacto, né? Seja de forma positiva ou de forma negativa. [...] É tudo o que lhe envolve. (B1)*

*[...] acho que pra mim saúde mental é [...] um conjunto de componentes que tipo, fazem você levar a vida razoavelmente bem. E toda essa dimensão que cuida dessa parte do nosso estado mental realmente, assim. E aí envolve tipo... tanto bem-estar quanto fatores que envolvem problemas patológicos, quanto o ambiente que a gente tá, quanto as nossas relações [...] o contexto onde a gente tá inserido. (B3)*

Além de perceber a saúde mental enquanto produto dos contextos da vida, alguns participantes também abordaram uma relação inversa em seus discursos: o impacto da saúde mental nas outras áreas da vida. Essa percepção é exemplificada na fala a seguir:

*Acho que é algo que move diretamente com você. Se a sua saúde mental tá um pouco pra baixo, você como um todo fica pra baixo. Afeta demais todos os outros campos da vida. (B10)*

Os bissexuais do estudo apresentaram diversas respostas ao descrever a própria saúde mental. As autoavaliações foram variadas, desde o participante considerar ter uma saúde mental boa a uma ruim. Algumas falas apresentam uma noção de temporalidade, o que possibilita inferir que apesar de atualmente estar bem, nem sempre a saúde mental dos participantes esteve dessa forma. Esses aspectos são expostos nos trechos abaixo:

*[...] hoje é mais maleável pra mim. Eu sei lidar melhor com ela e sei priorizar mais ela. (B6)*

*Minha saúde mental... Eu acredito que ela é boa, bastante boa. Avaliando tudo que eu já passei. (B12)*

*Óbvio que nada nunca vai tá 100% na nossa vida. E, de fato, é a forma como a gente reage a essas coisas que faz com que a gente siga bem. Então eu acho que posso me avaliar com uma boa saúde mental atualmente. (B4)*

*Eu acho que ela já esteve melhor. Já teve dias melhores. Mas... eu acho que agora eu tô bem, até. Porque eu já tive fases muito... acho que de não conseguir lidar com as coisas que tavam acontecendo ao meu redor, com o ambiente onde eu tava inserida e com as minhas relações direito. (B3)*

*Acho que no momento atual... na data de hoje, no período de hoje, ela tá regular. (B8)*

*Eu tô diagnosticada com muitos transtornos, então fico pensando [...] Acho que ela não é muito boa não. (B7)*

*Minha saúde mental tá bem ruim. (B5)*

Dentre as questões pautadas pelos participantes, a própria relação com suas identidades bissexuais apresenta percalços. Para alguns, houve uma melhora no entendimento da própria sexualidade e outro ainda apresentam dificuldades:

*Pra ser honesto, é uma coisa que eu até hoje tenho dificuldade de lidar. Eu acho que foi mais ou menos no ano passado, que de fato tive essa realização. Me dei conta disso. (B10)*

*Às vezes a gente mesmo consegue ser preconceituoso [...] com nós mesmos. Eu já me restringi muito, com muitas coisas. (B9)*

*Mas tipo... eu sei que fui moldada pra não me aceitar assim, sabe? [...] pra não conceber como é que a minha vida poderia ser. E eu acho que é isso o que pesa mais, assim. (B3)*

*[...] eu não lidava muito bem com a minha bissexualidade. Eu até nem entendia direito, né. [...] Um preconceito comigo mesma porque eu não me entendia [...]* **(B14)**

Sob a ótica dos entrevistados, para viver sendo bissexual é necessário se conhecer muito bem. O autoconhecimento surge enquanto recurso tanto para lidar com a invalidação e o estigma alheios, como para indicar uma boa saúde mental:

*Se você não se conhecer, não saber quem você é, você acaba internalizando e achando que é verdade. E eu sei que não é verdade.* **(B11)**

*Eu acho que é muito você estar em bons locais e você se conhecer. Eu acho que a saúde mental é muito sobre você se conhecer. Porque isso traz muito... o que você quer pra sua vida, o que você gosta e o que você não gosta. E a partir daí você escolher os locais e pessoas onde você quer estar. Isso faz toda a diferença.* **(B4)**

*Saúde mental pra mim [...] é quando eu consigo ser eu mesma, sabe? [...] é quando eu consigo andar na corda bamba com equilíbrio, sabe? De fazer as minhas coisas, de me olhar no espelho e me sentir eu mesma.* **(B11)**

Nota-se, portanto, que para os participantes é importante ter um senso claro de saber que são bissexuais para viver na sociedade atual. Do contrário, os mecanismos da binegatividade começam a gerar crises de identidade e influenciar na percepção individual:

*[...] falar da minha sexualidade sempre foi um dos pontos [...] cruciais pra minha saúde mental. [...] eu digo que a minha saúde mental dependeu muito de eu ter resolvido a minha sexualidade, sabe? Eu acho que foi o fator assim mais crucial de fato. Tipo, pra eu me ver bem hoje em dia [...]* **(B13)**

*[...] é como se a pessoa tivesse fazendo você se questionar da sua própria orientação. [...] eu acho que isso mexe muito com você, sabe? E aí põe em dúvida algo que é muito certo pra você, que é aquilo que você é, sabe? E é muito doido isso! Porque é muito sutil, né? Quando você vê, você tá ali se questionando [...]* **(B1)**

*[...] as respostas, às reações e como as pessoas que estão ao seu redor lidam com isso... Moldam demais como você vai lidar com esse assunto também. (B10)*

Através dos trechos supracitados, percebe-se que ser bissexual envolve lidar com as manifestações da binegatividade. Diante desse contexto, é necessário desenvolver e incorporar recursos para encontrar caminhos de como viver bem e manejar os impactos. Dentre as estratégias utilizadas, há uma variedade de recursos, sejam benéficos ou não:

*Fazer minha terapia me ajuda muito, porque eu consigo botar meus pensamentos mais no lugar. E também estar cercada de pessoas que eu amo, me ajuda bastante. Gosto de estar rodeada de pessoas que eu amo, gosto de me sentir em casa, gosto de viajar, gosto muito de ir pra praia. (B5)*

*Eu faço academia, acho que isso ajuda muito pra mim. Lidar com estresse. E aí eu vou pra dança na academia, também. É um momento mais descontraído. Voltei pro teatro, que é algo que também tá me ajudando bastante a desopilar. (B6)*

*Dependendo de como tô, eu escuto uma música, eu jogo. Eu sou atleta. Eu jogo vôlei. E aí pra espalhar mesmo, eu treino. Treino a semana todinha. (B9)*

*[...] eu costumo conversar com pessoas que entendem o que eu passo, né. Geralmente quando se trata de algo que muitas pessoas dividem, compartilham e conseguem se entender. (B8)*

*Beber me ajuda. Eu vejo como uma forma, assim... de me divertir, de sair e me divertir e aí eu fico feliz, sabe? (B7)*

*Cara, hoje... nada vei. (B10)*

*[...] em relação à bissexualidade, eu não sei te dizer. Tipo algo específico assim, não agora. (B1)*

Os caminhos para lidar com as repercussões em saúde mental em face à binegatividade perpetrada socialmente, segundo as falas dos participantes, são variáveis. Ademais, essa classe

permite a compreensão de que as vivências sociais de bissexuais impactam significativamente em sua saúde mental. Seja em maior ou menor grau, seja atualmente ou em algum momento passado do processo de desenvolvimento da identidade bissexual.

## 6 DISCUSSÃO

O presente estudo buscou descrever a saúde mental de bissexuais da RMR à luz da teoria do estresse de minoria proposta por Meyer (2003). Contudo, para discutir sua aplicação ao estudo, algumas premissas são necessárias. Ao relacionar os achados da pesquisa com o modelo teórico, pressupõe-se que bissexuais são pessoas sujeitas a circunstâncias ambientais por conviverem em sociedade. Além disso, a teoria reconhece que pessoas LGBTQIAPN+ constituem um grupo marginalizado e estigmatizado socialmente, gerando o estresse de minoria e as adaptações adicionais em função desse estresse (Meyer, 2003; Hoy-Ellis, 2023). Nesse sentido, as classes um e dois previamente detalhadas, acerca da ambiência e dos relacionamentos interpessoais, corroboram para a contextualização dos bissexuais enquanto indivíduos com um *status* socialmente desvantajoso e, conseqüentemente, uma identidade de minoria.

Ao descrever os estressores gerais e o estresse de minoria ao longo de um *continuum*, Meyer (2003) propõe a influência de processos concomitantes atuando externa e internamente no bissexual. Os discursos acerca de comentários e olhares discriminatórios em ambientes de trabalho e lazer, bem como as experiências preconceituosas em relações interpessoais se caracterizam como processos distais do estresse de minoria, visto que são “eventos e condições que são externas ao indivíduo” (Hoy-Ellis, 2023, p. 808, tradução nossa).

As narrativas acerca de ambientes de lazer foram permeadas de medo e tensão durante as entrevistas, além de um receio implícito na fala ao rememorar experiências pessoais sobre o tema. Os relatos acerca dos olhares e atitudes do outro para com as pessoas bissexuais do estudo criam sensações de falta de liberdade e desconforto constante em espaços públicos, além de fomentar um estado de alerta persistente no que se refere ao risco de sofrer violência. Essas repercussões são maximizadas em locais tipicamente cisheteronormativos, como “barzinhos”, e são minimizadas em locais projetados para pessoas LGBTQIAPN+.

Vale ressaltar que os bissexuais que abordaram os desafios de estar nesse ambiente, em sua maioria, estão em relacionamentos com pessoas do mesmo gênero. O cenário em questão é consistente com os achados de Stammwitz e Wessler (2021) em seu estudo acerca da demonstração pública de afeto por casais LGBTQIAPN+ em espaços públicos. Os resultados indicam que o estresse de minoria é sensível a contextos, sua percepção influencia parcialmente os comportamentos de casais e impacta negativamente a frequência e a satisfação de demonstração pública de afeto por casais do mesmo sexo. Portanto, o medo de ou a própria

confrontação com o estresse de minoria pode ser o suficiente para inibir demonstrações públicas de afeto de casais LGBTQIAPN+ em certos espaços (Stammwitz; Wessler, 2021).

Em relação ao contexto laboral, a variação das respostas decorreu em função da multiplicidade de espaços de trabalho com políticas de suporte à LGBTQIAPN+ ou não. Os participantes que relataram poucas interferências nesse ambiente demonstraram maior empolgação, tranquilidade e até mesmo momentos de riso ao comentar sobre o espaço de trabalho, durante as entrevistas. Contudo, é importante ressaltar: as interferências do estresse de minoria ainda existem e os aspectos positivos trazidos pelos participantes foram atribuídos basicamente a terem ou não colegas de trabalho LGBTQIAPN+ no ambiente de trabalho. As experiências mais negativas foram acompanhadas de semblantes pesarosos pelos participantes da pesquisa, evitando contactar o olhar com o pesquisador para descrevê-las. Os achados apresentam uma consonância com a expansão teórica do estresse de minoria para os ambientes de trabalho, desenvolvida por Holman (2018).

Em sua proposta, Holman (2018) considera a variância de ambientes de trabalho no suporte à LGBTQIAPN+ e aborda como o estresse de minoria gera desfechos relacionados ao trabalho. Nos processos distais do estresse de minoria no trabalho, atitudes como assédio verbal ou físico, desvalorização do trabalho e marginalização, ações depreciativas e sutis de preconceito e microagressões são incluídas pelo modelo. Estas últimas foram particularmente bem descritas pelos bissexuais, manifestando-se pelas reações de colegas de trabalho, como expressões faciais e tons de voz, ao descobrirem a orientação sexual do participante (Holman, 2018).

Além disso, a desvalorização do trabalho despendido ao ter sua bissexualidade assumida também foi permeada de indignação pelos participantes. E as narrativas de assédio verbal, comumente descritas como “comentários” ou “piadinhas”, também acarretam na diminuição da satisfação com o trabalho, desejo por pedir demissão do cargo e receio com o ambiente de trabalho. Outro achado importante do estudo consonante com a teoria consiste no aumento do absentismo relacionado ao constante estresse de minoria vivenciado no trabalho (Holman, 2018).

Numa perspectiva mais relacional e interpessoal, os achados da pesquisa corroboram com os estressores de minoria específicos de bissexuais propostos por Maggi (2021) e VanMattson (2022), especialmente em seus relacionamentos. As experiências de deslegitimação e apagamento, invalidação da identidade e estereotipação possuem consequências para as relações interpessoais. Outro estressor distal específico, a rejeição dupla, será discutido posteriormente ao longo do texto.

Os achados do estudo, na instância de relacionamentos, podem ser subdivididos em experiências de apagamento e de invalidação da identidade. O apagamento ocorre tipicamente nas situações em que o outro não sabe da bissexualidade do participante, e portanto não a considera enquanto orientação sexual. A invalidação, por sua vez, acontece em situações que o outro sabe da bissexualidade do participante, mas não a concebe como válida ou legítima. Esses processos advêm da lógica monossexual hegemônica e são preenchidos por estereótipos acerca da bissexualidade (Ulisses da Silva; Meireles, 2023; Dyar; Feinstein, 2018).

Com relação ao apagamento da bissexualidade enquanto identidade, a tristeza e o remorso marcaram a voz dos discursos. Os participantes comentaram brevemente sobre as tentativas de apagamento, seja por parentes, parceiros românticos ou pessoas próximas. Nas relações familiares, o apagamento surge como intencional para negar a sexualidade indesejada do bissexual. Uma espécie de “aceitação parcial” pela família também foi descrita pelos participantes, quando estes compõem um casal que pode ser lido como cisheteronormativo. Além disso, a discriminação por familiares é percebida como mais danosa que a realizada por outros indivíduos (Feinstein *et al.*, 2019).

Esse aspecto também surgiu no estudo, de maneira que alguns bissexuais discorreram sobre o impacto emocional do julgamento de familiares, sendo os relatos permeados por tristeza, angústia e dor. Em relações amorosas, ocorre um apagamento social independente do parceiro da pessoa bissexual. Quando compõem relações entre pessoas de sexos diferentes, são lidos como heterossexuais (Charley *et al.*, 2023). E no caso de relações entre pessoas do mesmo sexo, são lidos como gays ou lésbicas (Maggi, 2021). Esse contexto relacional gera situações emocionalmente custosas ao bissexual, que precisa se adaptar, angariar e criar recursos para enfrentar as consequências da binegatividade, como a exclusão social e a repressão de sentimentos (Souza *et al.*, 2022).

A invalidação de suas identidades bissexuais, contudo, foi alvo de indignação pelos participantes durante as entrevistas, especialmente quando estes tiveram suas identidades invalidadas por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+. Ter a própria identidade invalidada por outros foi experimentada por participantes dentro de um relacionamento amoroso. Os comprometidos tiveram suas identidades invalidadas através de comentários carregados de estereótipos, como a instabilidade da bissexualidade enquanto orientação sexual e a bissexualidade ser apenas uma fase de transição. Escutar que, agora junto ao parceiro romântico, o bissexual tinha “se decidido”, foi comum.

Além disso, a invalidação adveio tanto de pessoas externas à relação como de parceiros dos bissexuais. Quando invalidados pelas parcerias, alguns bissexuais relataram se sentir

surpreendidos negativamente. Esse achado é sustentado por Feinstein *et al.* (2019), que conduziram um estudo para examinar as consequências da invalidação da identidade bissexual. No âmbito de relacionamentos afetivos, os bissexuais trouxeram menor satisfação com a relação e por vezes optaram por findar o vínculo amoroso devido à binegatividade do parceiro. Essa invalidação, portanto, pode afetar a saúde de relacionamentos amorosos de bissexuais, contribuindo para o isolamento social (Feinstein *et al.*, 2019).

O fenômeno de estereotipação pelos outros também foi descrito pelos participantes. Estereótipos como a associação entre bissexuais e promiscuidade, a incapacidade de comprometimento e a propensão de bissexuais à infidelidade foram abordados pelos bissexuais do estudo. Essas suposições terminam por minar relações existentes ou sabotar a ideia de um indivíduo bissexual como objeto de desejo amoroso (Dyar; Feinstein, 2018). Os achados acerca da diferenciação de tratamento por gênero entre os bissexuais também carregam estereótipos de binegatividade em seu cerne (Hayfield, 2021).

A suposição de que mulheres bissexuais estão num caminho de desenvolvimento para a heterossexualidade, enquanto homens bissexuais estão se dirigindo para a homossexualidade, revelam a lógica implícita da bissexualidade enquanto fase transitória (Hayfield, 2021). Ademais, Feinstein *et al.* (2019) pontuam a existência de uma lógica misógina e patriarcal sendo perpetrada pela negação do desejo de homens e mulheres bissexuais por mulheres em geral. Isso dialoga com as falas dos participantes, que experimentam ter suas identidades bissexuais invalidadas por serem julgados incapazes de se atrair por mais de um gênero, apenas.

Nota-se, portanto, que bissexuais são alvos de preconceitos socialmente estabelecidos e exercidos. Entretanto, Meyer (2003) propõe que esses processos distais causam um impacto na identidade de minoria. Esse impacto interno, construído a partir das experiências de socialização sobre a identidade de minoria, refere-se aos processos proximais de estressores de minoria. Estressores proximais dizem respeito às respostas internas e subjetivas de uma identidade de minoria (Douglass; Conlin, 2020; Meyer, 2003). A classe 3, nesse sentido, surge para somar na contextualização das reverberações internas que os eventos oriundos das classes 1 e 2 possuem na identidade. Ademais, também possui utilidade para as discussões acerca dos desfechos em saúde mental de bissexuais.

Sendo assim, alguns trechos de fala dos participantes demonstram percepções mais subjetivas de bissexuais a partir de suas socializações. Em função dos ambientes e das relações externas estruturadas pela ótica da binegatividade, o indivíduo pode começar a ser hipervigilante com suas interações, esperando o estigma. Estar ciente constantemente da própria vulnerabilidade e suscetibilidade à violência, permeou os discursos de alguns participantes.

Esse achado é consistente com Rostosky *et al.* (2022), cujo estudo sugere a hipervigilância como uma resposta multifacetada ao estigma difundido socialmente. As experiências de hipervigilância estão associadas com o surgimento de emoções negativas em lugares ou interações cuja ameaça à pessoas LGBTQIAPN+ possa existir (Rostosky *et al.* 2022).

O comportamento em questão consiste nas “expectativas de rejeição” propostas por Meyer (2003), ou a “antecipação da binegatividade” proposta por VanMattson (2022). As socializações de bissexuais, portanto, podem ser minadas devido ao estado de hipervigilância constante. Além de emocionalmente custoso ao bissexual, os trechos exemplificam algumas situações cujo indivíduo acaba se privando de vivenciar para evitar uma experiência possivelmente estigmatizante.

O estressor proximal mais marcante nas experiências dos entrevistados foi a ocultação da bissexualidade. Segundo Pachankins *et al.* (2020, p. 22, tradução nossa), esse estressor acarreta na “internalização de problemas de saúde mental devido às suas associações com respostas de estresse cognitivo, afetivo e comportamental à rejeição antecipada após a revelação”. A ocultação ainda possui diversas reverberações, tanto positivas como negativas. Como demonstrado pelos achados do estudo, os bissexuais tipicamente ocultam sua identidade como uma estratégia protetiva, para evitar a discriminação social e aumentar a inclusão social. Sua aplicação autoprotetora se deu tanto em ambientes sociais como nas próprias relações interpessoais (Pachankins *et al.*, 2020).

Paralelamente, alguns participantes reconhecem esse processo através da passabilidade. Nota-se, também, que a decisão da ocultação da bissexualidade provém das socializações permeadas de binegatividade e estigmatização nesses espaços físicos e afetivos. Contudo, o prolongamento desse cenário acaba dificultando a construção de noções de pertencimento social, bem-estar social e acesso à suporte social. Ademais, a ocultação da identidade possui uma associação com desfechos adversos em saúde mental para bissexuais (Camacho; A Reinka; Quinn, 2020). Portanto, apesar de evitar eventos preconceituosos, a longo prazo pode trazer impactos para a saúde mental.

Diante o contexto de constante fomento à binegatividade sendo disseminado socialmente, alguns bissexuais são suscetíveis à internalização da própria binegatividade. Esse processo pode acarretar numa absorção de concepções negativas e preconceituosas sobre a identidade bissexual do indivíduo e a definição de bissexualidade em si, caracterizando a binegatividade internalizada (Pollitt; Roberts, 2021). As falas revelando as dificuldades de aceitar a própria identidade bissexual foram permeadas de angústia e desconforto. Nesse

contexto, a binegatividade internalizada pode dificultar a vivência subjetiva de bissexuais, causando impactos na saúde mental.

Ainda que os atravessamentos dessa intrincada rede de processos sejam sugestivos de uma vulnerabilização e potenciais fontes de adoecimento mental, a teoria do estresse de minoria considera o impacto dos recursos individuais e comunitários para enfrentamento e suporte social para o desfecho em saúde mental (Meyer, 2003). Sendo assim, os recursos individuais citados pelos participantes adentram ao processo como estratégias atenuantes do impacto causado pela estigmatização social. Dentre eles, o achado do autoconhecimento para lidar com os questionamentos acerca da identidade bissexual chama a atenção. Contudo, alguns bissexuais referiram não ter recursos para enfrentamento, ou não souberam identificá-los no momento da entrevista. Isso revela uma desproteção para lidar com o estresse de minoria.

Apesar de reconhecer o indivíduo não apenas como vítima, mas como ator no modelo do estresse de minoria, Meyer (2003) também postula acerca dos cuidados necessários ao analisar o fator individual no enfrentamento ao estigma. Em um artigo tecendo comentários sobre as potências individuais no estresse de minoria, Meyer (2014, p. 2, tradução nossa) diz: “os investigadores também devem estar conscientes dos perigos de uma perspectiva da psicologia positiva quando ela se concentra fortemente em pontos fortes individuais e menos nos investimentos institucionais necessários para apoiar os indivíduos”. Portanto, os recursos individuais de bissexuais são importantes para o potencial desfecho em saúde mental, mas não os torna inteiramente responsáveis por um processo decorrente das coletividades.

À nível comunitário, os bissexuais do estudo discorrem sobre a influência de um estressor distal nesse processo: a rejeição dupla. Essa, por sua vez, consiste na rejeição vivenciada por bissexuais tanto da comunidade heterossexual quanto da comunidade LGBTQIAPN+ (Maggi, 2021). As colocações acerca dessa exclusão envolveram indignação, descrições de isolamento social e deslegitimação da identidade. A experiência de rejeição pelo grupo social os quais bissexuais estão inclusos é mais danosa que a advinda de comunidades heterossexuais.

Esse aspecto da binegatividade gera uma dificuldade para articulação comunitária de bissexuais tanto entre si como com a comunidade LGBTQIAPN+ (Dyar; Feinstein, 2018). O contexto em questão revela, portanto, o quão desprotegidos essas pessoas estão, visto que a articulação comunitária atua na moderação dos impactos negativos na saúde mental de indivíduos LGBTQIAPN+ (Meyer, 2003; Hoy-Ellis, 2023).

Frente a essa complexa conjuntura, os teores de estresse adicionais vivenciados por bissexuais são perceptíveis. Contudo, os graus dos seus impactos não são previsíveis. Como o

modelo do estresse de minoria postula, os desfechos em saúde mental surgem a partir das interações agravantes e atenuantes dos conceitos de estressores distais, estressores proximais e enfrentamento e apoio social à nível individual e comunitário (Meyer, 2003). Sendo assim, os diferentes relatos sobre a própria saúde mental dos bissexuais demonstram a variabilidade de desfechos que o modelo teórico do estresse de minoria incorpora. Percebeu-se nas falas dos participantes que, mesmo nas menções de uma boa saúde mental atualmente, houveram momentos de desgaste e comprometimento da saúde mental do bissexual anteriormente em função de sua sexualidade.

Esses momentos englobaram tanto processos externos quanto internos ao participante. Além disso, a falta de saúde mental no período em que as entrevistas foram realizadas também apareceu nos discursos dos bissexuais. Isso demonstra que, independentemente do período de vida, em algum momento o indivíduo bissexual passa por um período de fragilidade da própria saúde mental. Entretanto, há um agravante justamente pelo *status* de sua identidade de minoria, assim como proposto por Meyer (2003). Portanto, ainda que o estresse seja inerente à experiência humana, os mecanismos específicos do preconceito e da estigmatização geram um estresse específico oriundo dessas experiências preconceituosas e estigmatizantes. Assim, para os participantes do estudo, a vivência bissexual é impactada pelo estresse de minoria.

Recomenda-se a utilização de modelos mais recentes da teoria do estresse de minoria em estudos futuros, visto que abordam algumas das limitações inerentes à teoria, como o modelo teórico proposto por Rivas-Koehl, Rivas-Koehl e Smith (2023). Essa expansão da teoria do estresse de minoria não foi adotada no presente estudo devido ao seu período de publicação ter ocorrido durante a condução final do estudo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descrições de bissexuais da RMR sobre a própria saúde mental envolveram uma ampla gama de processos descritos pela teoria do estresse de minoria. Ao utilizar o modelo teórico proposto por Meyer (2003), percebeu-se que o impacto do estresse de minoria se alastra para os ambientes que bissexuais participam, assim como em seus relacionamentos interpessoais. Destacou-se a vulnerabilidade dessas pessoas em relação a recursos individuais e comunitários de enfrentamento ao estresse de minoria. Além disso, a variabilidade de respostas foi marcada pela presença de momentos de fragilidade e comprometimento da saúde mental dos participantes no passado ou no momento presente das entrevistas.

Como se trata de um estudo que adotou uma metodologia qualitativa, com seleção intencional dos voluntários e contou com indicações dos próprios participantes, não foram identificados representantes de todos os municípios da RMR. Contudo, essa característica não compromete os objetivos propostos, visto que a metodologia não previa tal estratificação. Outras limitações decorreram em função do próprio modelo teórico utilizado, como a falta de incorporação da interseccionalidade, do contexto cultural e da perspectiva geracional na análise dos dados coletados.

Entretanto, o estudo descreve as condições que bissexuais da RMR vivem, seus impactos psíquicos e se insere enquanto contribuição numa área incipiente de estudos acerca da bissexualidade pernambucana para elucidar algumas vivências de bissexuais e suas reverberações na saúde mental. Ademais, o estudo aplica aprofundamentos necessários à prática de profissionais de saúde, dentre eles o enfermeiro, ao contribuir para o desenvolvimento da competência cultural. A falta de articulação comunitária para mitigar os danos do estresse de minoria em bissexuais é um aspecto importante para focar a ausência de ações e políticas públicas voltadas para esse público no estado de Pernambuco, particularmente na RMR. Dessa maneira, a população bissexual tem a potencialidade do pleno desenvolvimento de suas capacidades e o direito à saúde cerceados pela lógica monossexual hegemônica e disseminação da binegatividade nas relações sociais. É necessário cuidar dessa minoria não apenas pelo seu potencial político e social, mas principalmente porque são pessoas com identidades válidas e reais e, portanto, vulneráveis à construção adoecedora dos aparatos sociais.

## REFERÊNCIAS

BATTAGLIA, Fer Pontes; NASRALLAH, Fernanda Amancio; HERCOWITZ, Andrea; LOPES JUNIOR, Ademir; CIASCA, Saulo Vito. Pessoas não-binárias. In: CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; LOPES JUNIOR, Ademir. **Saúde LGBTQIA+**: práticas de um cuidado transdisciplinar. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. Cap. 30. p. 249-256.

BERGER, Matthew N.; TABA, Melody; MARINO, Jennifer L.; LIM, Megan S. C.; SKINNER, S. Rachel. Social Media Use and Health and Well-being of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Youth: systematic review. **Journal Of Medical Internet Research**, [S.L.], v. 24, n. 9, p. 1-19, 21 set. 2022. JMIR Publications Inc.. <http://dx.doi.org/10.2196/38449>. Disponível em: <https://www.jmir.org/2022/9/e38449/>. Acesso em: 09 mar. 2023.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma**: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182706#:~:text=Cisnorma%20é%20um%20conceito%20que,assumindo%20a%20binariedade%20homem%2Fmulher..> Acesso em: 3 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Ofício Circular no. 02** de 24 fevereiro de 2021. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, Brasília, 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf). Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **PORTARIA Nº 336**, de 19 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre as modalidades de serviços dos Centros de Atenção Psicossociais. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336\\_19\\_02\\_2002.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html). Acesso em: 17 de abril de 2023.

BROOKS, Hannah; LLEWELLYN, Carrie D.; NADARZYNSKI, Tom; PELLOSO, Fernando Castilho; GUILHERME, Felipe de Souza; POLLARD, Alex; JONES, Christina J. Sexual orientation disclosure in health care: a systematic review. **British Journal Of General Practice**, [S.L.], v. 68, n. 668, p. 187-196, 29 jan. 2018. Royal College of General Practitioners. <http://dx.doi.org/10.3399/bjgp18x694841>. Disponível em: <https://bjgp.org/content/68/668/e187>. Acesso em: 02 jun. 2021.

CAMACHO, Gabriel; A REINKA, Mora; QUINN, Diane M. Disclosure and concealment of stigmatized identities. **Current Opinion In Psychology**, [S.L.], v. 31, p. 28-32, fev. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2019.07.031>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2352250X19301113?via%3Dihub>. Acesso em: 2 jul. 2023.

CANUTO, Angela; BRAGA, Beatriz; MONTEIRO, Lucas; MELO, Rodrigo. ASPECTOS CRÍTICOS DO USO DE CAQDAS NA PESQUISA QUALITATIVA: uma comparação empírica das ferramentas digitais alceste e iramuteq. **New Trends In Qualitative Research**, [S.L.], p. 199-211, 7 jul. 2020. Ludomedia. <http://dx.doi.org/10.36367/ntqr.3.2020.199-211>. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/158>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CHAN, Randolph C.H.; OPERARIO, Don; MAK, Winnie W.S. Bisexual individuals are at greater risk of poor mental health than lesbians and gay men: the mediating role of sexual identity stress at multiple levels. **Journal Of Affective Disorders**, [S.L.], v. 260, p. 292-301, jan. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2019.09.020>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S016503271930312X>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHARLEY, Ceili; MANICKAS-HILL, Olivia; BARTLEY, Amanda; BUNTING, Amanda; MARK, Kristen. The Experience of Bi-Negativity in Mixed Gender Relationships. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], p. 1-29, 1 ago. 2023. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2023.2240325>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2023.2240325>. Acesso em: 29 ago. 2023.

CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; LOPES JUNIOR, Ademir. Definições da sexualidade humana. In: CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; LOPES JUNIOR, Ademir. **Saúde LGBTQIA+**: práticas de um cuidado transdisciplinar. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. Cap. 2. p. 12-18.

CRUZ, Beatriz Fragoso; LIMA, Maria Lúcia Campos; CARNEIRO, Larissa Raiza Costa. Faces da bifobia dentro (e fora) da comunidade LGBTQIAP+: reflexões a partir de narrativas de pessoas bissexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), [S.L.], n. 38, p. 1-20, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22207.a>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/NP3S8R3yYnfHrpwfPVhDgVG/?lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2023.

DOUGLASS, Richard P.; CONLIN, Sarah E.. Minority stress among LGB people: investigating relations among distal and proximal stressors. **Current Psychology**, [S.L.], v. 41, n. 6, p. 3730-3740, 27 jun. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12144-020-00885-z>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12144-020-00885-z>. Acesso em: 30 jun. 2023.

DYAR, Christina; FEINSTEIN, Brian A.. Binegativity: attitudes toward and stereotypes about bisexual individuals. In: SWAN, D. Joye; HABIBI, Shani. **Bisexuality**: theories, research, and recommendations for the invisible sexuality. Cham: Springer, 2018. Cap. 6. p. 95-111. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-71535-3>. Acesso em: 1 ago. 2023.

FEINSTEIN, Brian A.; DYAR, Christina. Bisexuality, Minority Stress, and Health. **Current Sexual Health Reports**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 42-49, 23 jan. 2017. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11930-017-0096-3>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28943815/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FEINSTEIN, Brian A.; HURTADO, Manuel; DYAR, Christina; DAVILA, Joanne. Disclosure, minority stress, and mental health among bisexual, pansexual, and queer (Bi+) adults: the roles of primary sexual identity and multiple sexual identity label use. **Psychology Of Sexual Orientation And Gender Diversity**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 181-189, jun. 2023. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/sgd0000532>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2021-87921-001.html>. Acesso em: 30 jun. 2023.

FEINSTEIN, Brian A.; FRANCO, Marisa; HENDERSON, Regine; COLLINS, Laniqua Kemecee; DAVARI, Jaleh. A Qualitative Examination of Bisexual+ Identity Invalidation and Its Consequences for Wellbeing, Identity, and Relationships. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 461-482, 2 out. 2019. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2019.1671295>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2019.1671295>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FEINSTEIN, Brian A.; HALL, Casey D. Xavier; DYAR, Christina; DAVILA, Joanne. Motivations for Sexual Identity Concealment and Their Associations with Mental Health among Bisexual, Pansexual, Queer, and Fluid (Bi+) Individuals. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 324-341, 7 abr. 2020. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2020.1743402>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2020.1743402>. Acesso em: 16 jul. 2021.

FLANDERS, Corey E.; LEBRETON, Marianne E.; ROBINSON, Margaret; BIAN, Jing; CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso. Defining Bisexuality: young bisexual and pansexual people's voices. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 39-57, 16 set. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2016.1227016>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2016.1227016>. Acesso em: 18 jul. 2021.

FONTANELLA, Bruno. Jose Barcellos; LUCHESI, Bruna Moretti; SAIDEL, Maria Giovana Borges; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro; MELO, Débora Gusmão. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**. 2011, v. 27, n. 2, p. 388-394. Disponível em: Epub 18 Feb 2011. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3bsWNzMMdvYthrNCXmY9kJQ/?lang=pt#>. Acesso em: 18 de abril de 2022

FROST, David M.; MEYER, Ilan H.. Minority stress theory: application, critique, and continued relevance. **Current Opinion In Psychology**, [S.L.], v. 51, p. 1-6, jun. 2023. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2023.101579>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X23000246?via%3Dihub>. Acesso em: 28 jun. 2023.

GGB. Grupo Gay da Bahia. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. 215 p. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-2019.pdf>.

GGB. Grupo Gay da Bahia. **Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil**: Relatório 2021. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. 78 p. Disponível em:

<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2023.

GGB. Grupo Gay da Bahia. **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil – 2020: Relatório**. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. 79 p. Disponível em: [https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Dossie\\_2020\\_Observatorio\\_Mortes\\_Violencias\\_contra\\_LGBTI\\_Brasil-AconteceLGBTI\\_GGB.pdf](https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Dossie_2020_Observatorio_Mortes_Violencias_contra_LGBTI_Brasil-AconteceLGBTI_GGB.pdf). Acesso em: 03 jan. 2023.

GÓMEZ, Juan Pablo Perera; ARENAS, Ysamary. Development of Bisexual Identity. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 24, n. 5, p. 1669-1678, mai. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018245.04382019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/VPxGFPV9CLHDtnDNMwBKr4w/?lang=en>. Acesso em: 05 jun. 2021.

GUEST, Greg; NAMEY, Emily; CHEN, Mario. A simple method to assess and report thematic saturation in qualitative research. **Plos One**, [S.L.], v. 15, n. 5, p. 1-17, 5 maio 2020. Public Library of Science (PLOS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0232076>. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0232076>. Acesso em: 11 jul. 2023.

HAYFIELD, Nikki. **Bisexual and Pansexual Identities: exploring and challenging invisibility and invalidation**. Nova York: Routledge, 2021. 143 p.

HENNINK, Monique; KAISER, Bonnie N.. Sample sizes for saturation in qualitative research: a systematic review of empirical tests. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 292, p. 114523, jan. 2022. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114523>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953621008558?via%3Dihub>. Acesso em: 9 jul. 2023.

HENNINK, Monique M.; KAISER, Bonnie N.; MARCONI, Vincent C.. Code Saturation Versus Meaning Saturation. **Qualitative Health Research**, [S.L.], v. 27, n. 4, p. 591-608, 26 set. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1049732316665344>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1049732316665344>. Acesso em: 20 jul. 2021.

HOLMAN, Elizabeth Grace. Theoretical Extensions of Minority Stress Theory for Sexual Minority Individuals in the Workplace: a cross-contextual understanding of minority stress processes. **Journal Of Family Theory & Review**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 165-180, 26 fev. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jftr.12246>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jftr.12246>. Acesso em: 5 ago. 2023.

HUGHES, Tonda L.; JACKMAN, Kasey; DORSEN, Caroline; ARSLANIAN-ENGOREN, Cynthia; GHAZAL, Lauren; CHRISTENBERRY-DECEASED, Thomas; COLEMAN, Christopher Lance; MACKIN, Melissa; MOORE, Scott Emory; MUKERJEE, Ronica; SHERMAN, Athena; SMITH, Sheila; WALKER, Rachel. How can the nursing profession help reduce sexual and gender minority related health disparities: recommendations from the national nursing lgbtq health summit. **Nursing Outlook**, [S.L.], v. 70, n. 3, p. 513-524, maio 2022. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.outlook.2022.02.005>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0029655422000136>. Acesso em: 09 dez. 2022.

HUNTER, David James; MCCALLUM, Jacqueline; HOWES, Dora. Defining Exploratory-Descriptive Qualitative (EDQ) research and considering its application to healthcare. **Journal Of Nursing And Health Care**, Singapura, v. 4, n. 1, p. 1-7, maio 2019. Disponível em: [https://researchonline.gcu.ac.uk/ws/portalfiles/portal/26339044/J.McCallum\\_formatted\\_WNC\\_2018\\_Singapore\\_EDQ\\_abstract\\_updated.pdf](https://researchonline.gcu.ac.uk/ws/portalfiles/portal/26339044/J.McCallum_formatted_WNC_2018_Singapore_EDQ_abstract_updated.pdf). Acesso em: 20 jul. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões Metropolitanas, Aglomerações Urbanas e Regiões Integradas de Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/18354-regioes-metropolitanas-aglomeracoes-urbanas-e-regioes-integradas-de-desenvolvimento.html?edicao=34318&t=downloads>. Acesso em: 03 jan. 2023.

JAEGER, Melissa Bittencourt; LONGHINI, Geni Nuñez; OLIVEIRA, João Manuel de; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, [S.L.], v. 2, n. 11, p. 1-16, 29 nov. 2019. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v2i11.28011>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011>. Acesso em: 02 jul. 2023.

KALLIO, Hanna; PIETILÄ, Anna-Maija; JOHNSON, Martin; KANGASNIEMI, Mari. Systematic methodological review: developing a framework for a qualitative semi-structured interview guide. **Journal Of Advanced Nursing**, [S.L.], v. 72, n. 12, p. 2954-2965, 23 jun. 2016. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jan.13031>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jan.13031>. Acesso em: 18 jul. 2021.

LEIGHTON, Kim; KARDONG-EDGREN, Suzan; SCHNEIDEREITH, Tonya; FOISY-DOLL, Colette. Using Social Media and Snowball Sampling as an Alternative Recruitment Strategy for Research. **Clinical Simulation In Nursing**, [S.L.], v. 55, p. 37-42, jun. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ecns.2021.03.006>. Disponível em: [https://www.nursingsimulation.org/article/S1876-1399\(21\)00036-0/fulltext](https://www.nursingsimulation.org/article/S1876-1399(21)00036-0/fulltext). Acesso em: 03 jan. 2023.

LUCIANI, Michela; CAMPBELL, Karen; TSHIRHART, Holly; AUSILI, Davide; JACK, Susan M. How to Design a Qualitative Health Research Study. Part 1: Design and Purposeful Sampling Considerations. **Professioni Infermieristiche**, Itália, v. 72, n. 2, p. 152-161, set. 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/335883545\\_How\\_to\\_Design\\_a\\_Qualitative\\_Health\\_Research\\_Study\\_Part\\_1\\_Design\\_and\\_Purposeful\\_Sampling\\_Considerations](https://www.researchgate.net/publication/335883545_How_to_Design_a_Qualitative_Health_Research_Study_Part_1_Design_and_Purposeful_Sampling_Considerations). Acesso em: 22 jul. 2021.

MAGGI, Rachel Mary. **Identifying bisexual-specific minority stressors and assessing implications for observed mental health and substance use disparities**. 2021. 42 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociomedical Sciences, Columbia University, New York, 2021. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/d8-qq24-8e24>. Acesso em: 31 jul. 2023.

MARTINS, K. N.; GOMES, L. P. S.; PAULA, M. C. de. Software IRaMuTeQ: uma ferramenta auxiliar na Análise Textual Discursiva. **Revista Paradigma**, v. 43, p. 205-227, maio, 2022. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/30880/1/Martins2022Software.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MENDES, Wallace Góes; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 25, n. 5, p. 1709-1722, mai. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020255.33672019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4947yK7K5JTN5sHJRKTFPvD/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2021.

MEYER, Ilan H.. Minority stress and positive psychology: convergences and divergences to understanding LGBT health. **Psychology Of Sexual Orientation And Gender Diversity**, [S.L.], v. 1, n. 4, p. 348-349, dez. 2014. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/sgd0000070>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2014-52523-009>. Acesso em: 2 jul. 2023.

MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**, [S.L.], v. 129, n. 5, p. 674-697, set. 2003. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2072932/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MOAGI, Miriam M.; WATH, Anna E. van Der; JIYANE, Priscilla M.; RIKHOTSO, Richard S.. Mental health challenges of lesbian, gay, bisexual and transgender people: an integrated literature review. **Health Sa Gesondheid**, [S.L.], v. 26, p. 1-12, 20 jan. 2021. AOSIS. <http://dx.doi.org/10.4102/hsag.v26i0.1487>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7876969/>. Acesso em: 20 set. 2023.

MONACO, Helena. Entre muros, pontes e fronteiras: teorias e epistemologias bissexuais. **Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, [S.L.], v. 8, n. 16, p. 91-106, 26 nov. 2021. Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste. <http://dx.doi.org/10.48074/aceno.v8i16.11709>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11709>. Acesso em: 02 jul. 2023.

MOREIRA, Gabriel Eustáquio. POR TRÁS DO MONOGRAMA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+. **Revista Temporis[ação] (ISSN 2317-5516)**, v. 22, n. 02, p. 20, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/13262>. Acesso em: 04 out. 2023.

NELSON, Rosie; ROBARDS, Brady; CHURCHILL, Brendan; VIVIENNE, Son; BYRON, Paul; HANCKEL, Benjamin. Social media use among bisexuals and pansexuals: connection, harassment and mental health. **Culture, Health & Sexuality**, [S.L.], p. 1-17, 28 jul. 2022. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13691058.2022.2092213>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13691058.2022.2092213>. Acesso em: 09 mar. 2023.

NELSON, Rosie. 'What do bisexuals look like? I don't know!' Visibility, gender, and safety among plurisexuals. **Journal of Sociology**, [S.L.], v. 56, n. 4, p. 591-607, 22 jun. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1440783320911455>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1440783320911455>. Acesso em: 29 jul. 2023.

OLIVEIRA, Guilherme Sacheto; PACHECO, Zuleyce Maria Lessa; SALIMENA, Anna Maria de Oliveira; RAMOS, Camila Messias; PARAÍSO, Alanna Fernandes. Método bola de neve em pesquisa qualitativa com travestis e mulheres transexuais. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S.L.], v. 11, n. 68, p. 7581-7588, 4 out. 2021. MPM Comunicacao. <http://dx.doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i68p7581-7588>. Disponível em: <https://revistasauodecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1832>. Acesso em: 10 mar. 2023.

OZBILGIN, Mustafa F.; ERBIL, Cihat; BAYKUT, Sibel; KAMASAK, Rifat. Passing as resistance through a Goffmanian approach: normalized, defensive, strategic, and instrumental passing when lgbtq+ individuals encounter institutions. **Gender, Work & Organization**, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 862-880, 2 nov. 2022. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/gwao.12928>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/gwao.12928>. Acesso em: 4 out. 2023.

PACHANKIS, John E.; MAHON, Conor P.; JACKSON, Skyler D.; FETZNER, Benjamin K.; BRÄNSTRÖM, Richard. Sexual orientation concealment and mental health: a conceptual and meta-analytic review. **Psychological Bulletin**, [S.L.], v. 146, n. 10, p. 831-871, out. 2020. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/bul0000271>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8011357/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

POLLITT, Amanda M.; ROBERTS, Tangela S.. Internalized Binegativity, LGBQ + Community Involvement, and Definitions of Bisexuality. **Journal Of Bisexuality**, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 357-379, 3 jul. 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2021.1984363>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15299716.2021.1984363>. Acesso em: 09 dez. 2022.

RICH, Ashleigh J.; SALWAY, Travis; SCHEIM, Ayden; POTEAT, Tonia. Sexual Minority Stress Theory: remembering and honoring the work of Virginia Brooks. **Lgbt Health**, [S.L.], v. 7, n. 3, p. 124-127, 1 abr. 2020. Mary Ann Liebert Inc. <http://dx.doi.org/10.1089/lgbt.2019.0223>. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/lgbt.2019.0223>. Acesso em: 10 dez. 2022.

RIVAS-KOEHL, Matthew; RIVAS-KOEHL, Dane; SMITH, Shardé McNeil. The temporal intersectional minority stress model: reimagining minority stress theory. **Journal of Family Theory & Review**, [S.L.], p. 1-21, 3 ago. 2023. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jftr.12529>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jftr.12529>. Acesso em: 3 ago. 2023.

ROSS, Lori E.; SALWAY, Travis; TARASOFF, Lesley A.; MACKAY, Jenna M.; HAWKINS, Blake W.; FEHR, Charles P.. Prevalence of Depression and Anxiety Among Bisexual People Compared to Gay, Lesbian, and Heterosexual Individuals: a systematic review and meta-analysis. **The Journal Of Sex Research**, [S.L.], v. 55, n. 4-5, p. 435-456, 3 nov. 2017. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2017.1387755>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224499.2017.1387755>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ROSTOSKY, Sharon S.; RICHARDSON, Matthew T.; MCCURRY, Sara K.; RIGGLE, Ellen D. B. LGBTQ individuals' lived experiences of hypervigilance. **Psychology Of Sexual Orientation And Gender Diversity**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 358-369, set. 2022. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/sgd0000474>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fsgd0000474>. Acesso em: 2 set. 2023.

SALDANHA, Inácio dos Santos; MONACO, Helena Motta; CRUZ, Beatriz Frago. BISSEXUALIDADE, ATIVISMO E PRODUÇÃO DE SABERES: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE OS ESTUDOS E MOVIMENTOS BISSEXUAIS. **Revista Anômalas**, Catalão, v. 2, n. 2, p. 139-159, jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/ra/article/view/74540/39029>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SALERNO, John P.; DEVADAS, Jackson; PEASE, M; NKETIA, Bryanna; FISH, Jessica N.. Sexual and Gender Minority Stress Amid the COVID-19 Pandemic: implications for lgbtq young persons' mental health and well-being. **Public Health Reports**, [S.L.], v. 135, n. 6, p. 721-727, 7 out. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0033354920954511>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33026972/>. Acesso em: 04 jul. 2021.

SALWAY, Travis; ROSS, Lori E.; FEHR, Charles P.; BURLEY, Joseph; ASADI, Shayan; HAWKINS, Blake; TARASOFF, Lesley A.. A Systematic Review and Meta-Analysis of Disparities in the Prevalence of Suicide Ideation and Attempt Among Bisexual Populations. **Archives Of Sexual Behavior**, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 89-111, 28 fev. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-018-1150-6>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-018-1150-6>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SHAW, Julia. **Bi: the hidden culture, history, and science of bisexuality**. Nova York: Abrams Press, 2022. 240 p.

SOUSA, Yuri Sá Oliveira. O Uso do Software Iramuteq: fundamentos de lexicometria para pesquisas qualitativas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 21, n. 4, p. 1541-1560, 15 dez. 2021. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.64034>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/64034>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SOUZA, Ana Vitória Moreira de; BARROS, Eloísa Amorim de; SANTOS, Paulo Henrique Pargas; PENA, Yan Walter. As Consequências Psicológicas da Tentativa de Apagamento Social da Bissexualidade: um relato de pesquisa. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, [S.L.], n. 1, p. 135-148, 3 out. 2022. Universidade Federal do Pará. <http://dx.doi.org/10.18542/rcga.v0i21.13365>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13365>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SPIZZIRRI, Giancarlo; EUFRÁSIO, Raí Álvares; ABDO, Carmita Helena Najjar; LIMA, Maria Cristina Pereira. Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence. **Scientific Reports**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 1-9, 1 jul. 2022. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/s41598-022-15103-y>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-022-15103-y>. Acesso em: 08 dez. 2022.

STAMMWITZ, Michelle; WESSLER, Janet. A public context with higher minority stress for LGBTQ\* couples decreases the enjoyment of public displays of affection. **Plos One**, [S.L.], v. 16, n. 11, p. 1-26, 17 nov. 2021. Public Library of Science (PLOS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0259102>. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0259102>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SWAN, D. Joye. Defining Bisexuality: challenges and importance of and toward a unifying definition. In: SWAN, D. Joye; HABIBI, Shani. **Bisexuality: theories, research, and recommendations for the invisible sexuality**. Cham: Springer, 2018. Cap. 3. p. 37-60. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-71535-3>. Acesso em: 1 ago. 2023.

ULISSES DA SILVA, K.; MEIRELES, J. Revisão integrativa da literatura sobre bissexualidade: Representações, invisibilidade e subjetividade. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, Brasil, v. 11, n. 1, p. 25–46, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/37552>. Acesso em: 1 jul. 2023.

VANMATTSON, Sarah Beth. **Relations between Binegativity, Proximal Stressors, and Mental Health Outcomes: the moderating role of authenticity**. 2022. 162 f. Tese (Doutorado) - Curso de Counseling Psychology, University of Missouri-Kansas City, Kansas City, 2022. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/074bc0d1153cf73fe6c24c7bed766325/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acesso em: 3 ago. 2023.

WARWICK-MICK, Tyler J. **Minority Stress and Intersectionality: a meta-analysis**. 2022. 21 f. Honors Thesis - Psychology Course, University Of Wisconsin, Wisconsin, 2022. Disponível em: <https://minds.wisconsin.edu/handle/1793/83327>. Acesso em: 3 ago. 2023.

YIN, Robert K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

YOSHINO, Kenji. The Epistemic Contract of Bisexual Erasure. **Stanford Law Review**, [S.L.], v. 52, n. 2, p. 353, jan. 2000. JSTOR <http://dx.doi.org/10.2307/1229482>. Disponível em: ht

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

### DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Os dados fornecidos são apenas para caracterização do perfil do grupo da pesquisa.  
Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo, conforme descrito no TCLE.

2. Nome completo \*

---

3. E-mail para contato \*

---

4. Identidade de gênero

*Marcar apenas uma oval.*

Homem cis

Mulher cis

Homem trans

Mulher trans

Travesti

Pessoa não-binária

Outro: \_\_\_\_\_

## 5. Idade \*

Marcar apenas uma oval.

- 18 a 24 anos  
 25 a 30 anos  
 31 a 36 anos  
 37 a 42 anos  
 Outro: \_\_\_\_\_

## 6. Cidade da Região Metropolitana do Recife (RMR) onde reside \*

\_\_\_\_\_

## 7. Raça \*

Marcar apenas uma oval.

- Branca  
 Preta  
 Parda  
 Amarela  
 Indígena  
 Outro: \_\_\_\_\_

## 8. Renda \*

Marcar apenas uma oval.

- Menor que 1 salário mínimo  
 1 a 2 salários mínimos  
 2 a 3 salários mínimos  
 3 a 4 salários mínimos  
 Outro: \_\_\_\_\_

## 9. Escolaridade \*

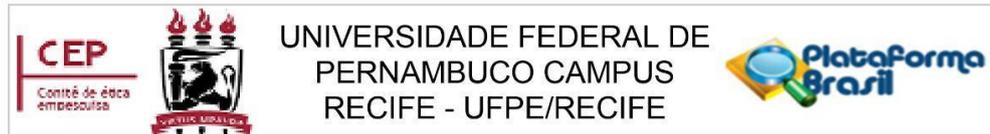
Marcar apenas uma oval.

- Ensino fundamental incompleto  
 Ensino fundamental completo  
 Ensino médio incompleto  
 Ensino médio completo  
 Ensino superior incompleto  
 Ensino superior completo

**APÊNDICE B - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA ONLINE**

- 1) O que é saúde mental para você?
- 2) Como você avalia a sua saúde mental?
- 3) Como você acha que a experiência de ser bissexual influencia sua saúde mental?
- 4) Em que aspectos da sua vida a experiência de ser bissexual interfere na sua saúde mental?
- 5) Você acha que ser bissexual lhe torna mais exposto(a) às diversas formas de violência como preconceito, discriminação? Poderia explicar sua opinião?
- 6) O que você faz para melhorar sua saúde mental?
- 7) Tem algo mais relacionado ao assunto que você deseja falar?

## ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A SAÚDE MENTAL DE PESSOAS BISSEXUAIS À LUZ DA TEORIA DO ESTRESSE DE MINORIA

**Pesquisador:** IRACEMA DA SILVA FRAZÃO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 68785723.3.0000.5208

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.064.262

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso cujo estudo definiu-se como Exploratório-Descritivo Qualitativo (EDQ), definido como metodologia voltada para explorar, descrever e compreender os fenômenos humanos e seus significados para as pessoas que os experienciam. Assim, explora a experiência subjetiva do indivíduo acerca do fenômeno e a expressa de forma descritiva. É utilizada para realização de pesquisas nos âmbitos do cuidado em saúde que não foram amplamente estudados ainda. Além disso, a EDQ tem o potencial de explorar e descrever aspectos que compõem a prática da enfermagem, tanto na perspectiva do enfermeiro como do paciente, a educação na enfermagem e a enfermagem na esfera política.

#### Objetivo da Pesquisa:

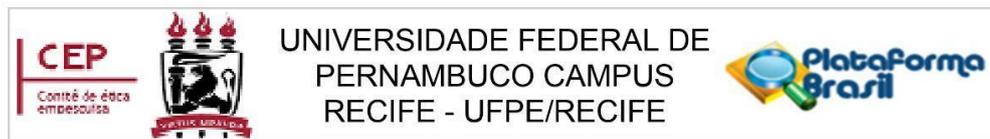
Descrever a percepção de bissexuais da Região Metropolitana do Recife (RMR) sobre a sua saúde mental, considerando os pressupostos da teoria do estresse de minoria sexual.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos associados ao estudo são o possível risco de constrangimento ou desconforto ao responder alguns questionamentos, que, ao induzir autorreflexão e lembranças da história pessoal da saúde mental do bissexual, podem se apresentar um tanto desagradáveis. Para diminuir os possíveis danos decorrentes do estudo, ao final da entrevista o pesquisador dará informações

**Endereço:** Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.064.262

educativas sobre os serviços que atendem gratuitamente e por livre demanda, a população LGBTQIA+ da cidade do Recife e RMR.

#### Benefícios:

O presente estudo possui como benefícios proporcionar um espaço de escuta e reflexão para o voluntário participante da pesquisa e uma melhor compreensão da saúde mental de bissexuais da Região Metropolitana do Recife (RMR), bem como a identificação dos fatores específicos que configuram vulnerabilidade a essa população na realidade local. Esse é um dado importante para a criação e articulação de estratégias/programas que atendam as demandas dessa população considerando seus estressores específicos de minoria e sua interseccionalidade com outras pautas sociais. Além disso, pode contribuir para a elaboração, por parte da enfermagem e demais áreas das ciências da saúde, de intervenções e instrumentos que visem prevenir e/ou identificar os fatores de estresse de minoria. Dessa forma, o risco da saúde mental de cada indivíduo bissexual poderia ser avaliado com atuação do Processo de Enfermagem nos fatores de estresse de minoria proeminentes no indivíduo bissexual, visando sua melhora e prevenção de agravamentos.

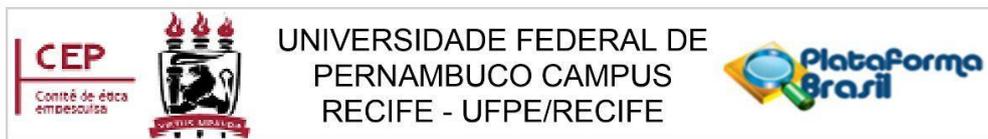
#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O sistema de saúde não está isento de experiências que provocam estresse de minoria na população LGBTQIA+, como a LGBTfobia. O medo da discriminação e de receber cuidados inadequados são alguns dos fatores que distanciam pessoas LGBTQIA+ dos serviços de saúde. A possibilidade de experiências traumáticas nos serviços de saúde faz com que muitos indivíduos evitem comunicar sua orientação sexual, e por vezes atrasam o cuidado em saúde para não revelar a própria sexualidade (BROOK et al., 2018).

Paralelo a esse contexto, os indivíduos bissexuais apresentam maiores taxas de prevalência de ansiedade e depressão quando comparados às pessoas monossexuais (indivíduos heterossexuais, gays e lésbicas) (ROSS et al., 2017). Além disso, também apresentam taxas mais elevadas de comportamentos que trazem risco para a saúde em comparação aos grupos previamente citados (BROOKS et al., 2018). De acordo com Ross et al. (2017), essa prevalência está relacionada com a discriminação da orientação sexual, a invisibilização da bissexualidade e a falta de suporte para pessoas bissexuais. Portanto, é importante o estudo das especificidades do estresse de minoria gerador dessa prevalência de baixos índices de saúde mental em indivíduos bissexuais, para que os serviços de saúde possam ser devidamente aprimorados e adaptados a fim de garantir a equidade do cuidado e o acesso à saúde.

Para além disso, essa pesquisa é necessária pelo seu potencial em fornecer informações

**Endereço:** Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.064.262

possivelmente contribuintes na construção de enfermeiros culturalmente e clinicamente competentes no cuidado de minorias sexuais, em especial às pessoas bissexuais (HUGHES et al., 2022). Através desse estudo, almeja-se uma diminuição da lacuna entre as necessidades humanas de bissexuais e a prática de enfermagem, de maneira que esses indivíduos venham a ter um cuidado de enfermagem mais sensível às suas especificidades em saúde mental.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os seguintes termos de apresentação obrigatória:

1. Projeto completo;
2. TCLE em linguagem acessível;
2. Folha de rosto;
3. Dispensa de anuência;
4. Currículo lattes dos pesquisadores;
5. Termo de confidencialidade.

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências e/ou inadequações.

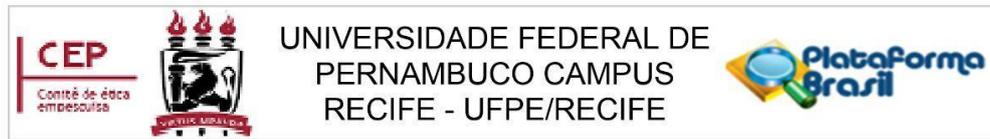
**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO, com autorização para iniciar a coleta de dados. Conforme as instruções do Sistema CEP/CONEP, ao término desta pesquisa, o pesquisador tem o dever e a responsabilidade de garantir uma devolutiva acessível e compreensível acerca dos resultados encontrados por meio da coleta de dados a todos os voluntários que participaram deste estudo, uma vez que esses indivíduos têm o direito de tomar conhecimento sobre a aplicabilidade e o desfecho da pesquisa da qual participaram.

Informamos que a aprovação definitiva do projeto só será dada após o envio da NOTIFICAÇÃO COM O RELATÓRIO FINAL da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final disponível em [www.ufpe.br/cep](http://www.ufpe.br/cep) para enviá-lo via Notificação de Relatório Final, pela Plataforma Brasil. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado. Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de

**Endereço:** Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** [cephumanos.ufpe@ufpe.br](mailto:cephumanos.ufpe@ufpe.br)



Continuação do Parecer: 6.064.262

EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada com a devida justificativa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2113052.pdf	17/04/2023 10:13:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.docx	17/04/2023 10:09:03	IRACEMA DA SILVA FRAZÃO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_coleta_virtual.pdf	17/04/2023 09:35:11	IRACEMA DA SILVA FRAZÃO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	17/04/2023 09:33:08	IRACEMA DA SILVA FRAZÃO	Aceito
Outros	Dispensa_de_anuencia_assinado.pdf	17/04/2023 09:31:04	IRACEMA DA SILVA FRAZÃO	Aceito
Outros	Lattes_Iracema.pdf	05/04/2023 10:53:35	IRACEMA DA SILVA FRAZÃO	Aceito
Outros	Lattes_Caio.pdf	05/04/2023 10:53:10	IRACEMA DA SILVA FRAZÃO	Aceito
Outros	Termo_confidencialidade.pdf	05/04/2023 10:52:26	IRACEMA DA SILVA FRAZÃO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RECIFE, 17 de Maio de 2023

Assinado por:  
**LUCIANO TAVARES MONTENEGRO**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br